



João Marcão

2013

À minha mãe e ao meu pai.

Resumo:

Olhando para a relação criada com os objetos presentes no nosso quotidiano, percebe-se que muitos destes pressupõem um uso individual, de curta duração, em parte culpados por uma cultura consumista da sociedade em geral.

Chegámos agora ao ponto de rutura- que dá pelo nome de “crise”.

Entendemos agora que andámos a consumir exageradamente em demasiado pouco tempo, gastando dinheiro e recursos que não tínhamos, sendo obrigados a mudar certos hábitos, costumes e valores.

Este “constrangimento financeiro” acabou por funcionar como o apontar de uma direção para este projeto e para a conseqüente criação de soluções que procuram explorar a dimensão da partilha como forma de reduzir despesas, de criar menos desperdício no nosso dia-a-dia, através do sentido de comunidade (em detrimento de um estilo de vida centrado no individualismo e no consumismo).

A partir desta premissa que é a partilha, ganha sentido que este projeto se focalize no universo das casas de estudantes, nesta fase das nossas vidas em que saímos de casa dos pais e repartimos casa com um conjunto de pessoas numa outra cidade. Porque, para além de ser um espaço que concentra esta geração de jovens afetada pela “crise”, é um tipo de habitação onde se gera um clima propício à partilha diária de bens e recursos, de forma a poupar nas despesas mensais. Um lugar onde existe um espírito de comunidade, onde se “desenrascam” soluções, se dividem responsabilidades, onde existem necessidades individuais e comuns, e onde o espaço partilhado aprende a coabitar com o espaço privado.

Penso que a exploração da dimensão da partilha na procura de soluções formais pode ajudar a reduzir os constrangimentos económicos e sociais associados à vivência normal do indivíduo no seio deste tipo de habitação.

Este projeto insere-se no contexto local da cidade das Caldas da Rainha, conhecida pela influência da comunidade académica na dinâmica da cidade (que é na sua maioria composta por jovens oriundos das mais diversas regiões de Portugal).

Procurando seguir uma metodologia qualitativa ou de estudo de caso, pretende-se analisar vários exemplos de casas partilhadas por estudantes, com o intuito de definir algumas linhas orientadoras que permitirão o desenvolvimento, de forma sustentada e fundamentada, deste projeto.

Concluindo, “casa longe de casa” é uma análise ao universo das casas partilhadas por estudantes de diferentes proveniências, com a intenção de detetar e decifrar problemas comuns no seio destas, dando origem a oportunidades de projeto, para as quais foram desenhadas soluções (cientes do atual contexto socioeconómico) que propõem a redução do desperdício através da partilha; que fomentam um estilo de vida mais saudável e poupado; a favor de uma maior ligação entre comunidades (da troca de bens, recursos, de informação e conhecimento).

Palavras Chave:

Poupança, otimização, redução (através de) coletivo, partilha, comunidade, cooperação, colaboração VS criação de desperdício, consumismo, isolamento, individual, privado

Abstract:

Looking at the relationship created with the objects in our everyday lives , we can realize that many of these require a single and short use... Being partly guilty for the consumerist culture of society in general.

We have now reached the point of rupture , which goes by the name of “crisis.”

We understand now that we have been consuming too much in too little time, spending money and resources that we didn’t have. Forcing us to change certain habits , customs and values .

This “ financial constraint “ ended up pointing a direction for this project, and the consequent creation of solutions that seek to explore the extent of sharing as a way to reduce costs , create less waste in our day- to-day through a sense of community (rather than a lifestyle centered on individualism and consumerism) .

Having sharing as a premise , makes sense that this project focus on the world of student houses (and at this stage of our lives, when we leave our parental homes and share home with a group of people from another places) , because besides being a space that focuses this generation of young people affected by the “ crisis” is a type of housing that creates the right mood for daily sharing of goods and resources , in order to save on the monthly expenses.

A place where there is a community spirit , where solutions are improvised, responsibilities are divided , where are common and individual needs , and where the private space learns to live with the shared space .

I think the exploration of the extent of sharing in the search for formal solutions can help reducing the economic and social constraints associated with the individual’s normal experience within this type of housing .

This project inserts in the local context of the city of Caldas da Rainha, known by the influence of the academic community in the dynamics of the city (which is mostly composed of young people from the most diverse regions of Portugal).

Looking to follow a qualitative methodology (or case study) , I intend to analyze several examples of houses shared by students , in order to set some guidelines that will allow the development of a sustained and reasoned project .

In conclusion, “casa longe de casa” is an analysis to the universe of shared houses by students from different places, with the intent to decipher common problems in the house, giving origin to new project opportunities, for which have been designed solutions (aware of the actual social economic context) that proposes the reduction of waste through sharing, in favor of a healthier life-style, in the connection between communities (as well as the change of goods, resources, information and knowledge).

Keywords:

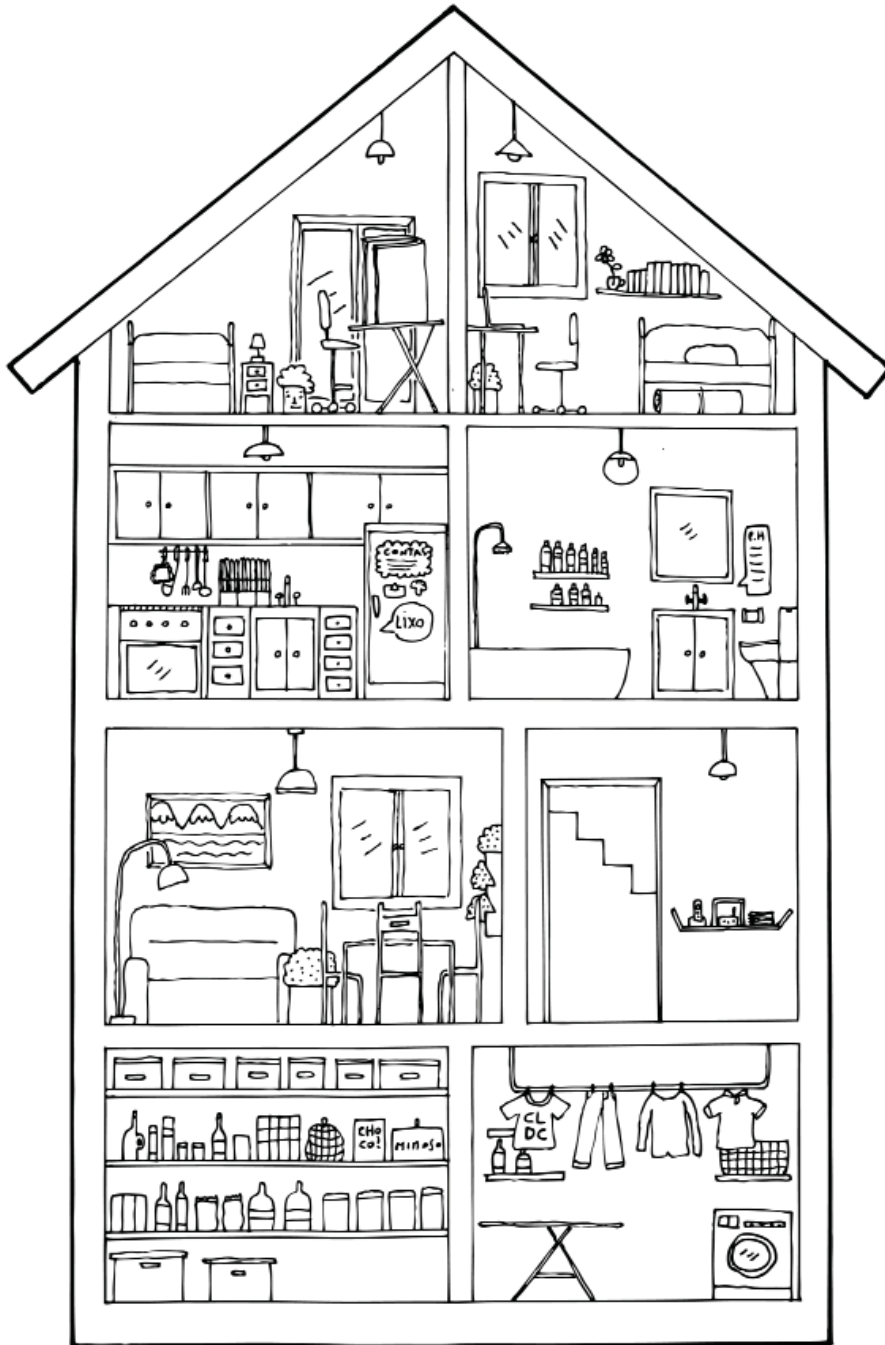
Saving, optimization, reduction (through) collective, sharing, community, cooperation, collaboration VS

Creation of waste, consumerism, isolation, individual, private.

INDÍCE:

Resumo	05	2.2.5. Ensaio	45
Abstract	06	2.2.6. Desenho técnico	46
1. Introdução	11	2.2.7. Modelos Finais	47
1.1. Problema/Desafio	13	2.2.8. Desenho comunicativo	47
1.1.1. A casa partilhada	13	2.3. Descrição do desenvolvimento do projeto	48
1.1.2 Individual VS Coletivo	13	1ªFase: Inspiração	48
1.1.3. Privado VS Partilhado	14	2ªFase: Definir problemáticas	52
1.2. Objetivos	15	3ªFase: “Ideação” parte 1	53
1.3. Fundamentação	15	4ªFase: “Ideação” parte 2	54
1.3.1. Conceitos Estruturantes	15	2.4. Apresentação de resultados	70
1.3.2. Análise de projetos de referência	20	“Sr.Fraso”	70
2. Descrição	29	“Cvp”	74
2.1. Descrição do contexto de projeto	31	Prantena	78
Contexto Socioeconómico	31	Solitude	81
Contexto local	32	“HCB”	83
Do micro ao macro	34	“As dicas do Jorge”	84
2.2. Metodologias	38	3. Conclusões	87
2.2.1. Identificação de projetos pertinentes	40	3.1. Conclusões finais	88
2.2.2. Deteção de problemáticas	41	3.2. Futuros desenvolvimentos	92
2.2.3. Desenho exploratório	42	Bibliografia	96
2.2.4. Construção de modelos	44	Índice de imagens	98

INTRODUÇÃO



1.1. Problema/Desafio

1.1.1. A casa partilhada

Partilhar casa é um desafio constante. Estamos sempre a lidar com as mais variadas situações, a ser confrontados com os mais diversos problemas, e a tentar resolver estes da melhor maneira possível.

É sem qualquer dúvida uma experiência enriquecedora, a diversos níveis: pelas amizades criadas, pelos momentos proporcionados... E se por um lado esta é uma falsa independência (visto que a maioria dos estudantes ainda não possui autonomia financeira), por outro lado faz-nos crescer, ensina-nos a gerir o nosso dia-a-dia, torna-nos seres humanos mais autónomos e responsáveis, criando a necessidade de termos o nosso próprio espaço e de nos despegarmos do conforto e facilidades próprias de viver com os nossos pais. Esta experiência pode ser um pouco brusca: de repente só podemos contar connosco, ninguém nos impõe horários, ninguém nos manda arrumar o quarto, ninguém nos impõe regras. Somos atingidos por um sentimento de “liberdade” nunca antes vivido.

Depois desta excitação inicial começamos a entender o quão complicado pode ser a gestão desta vida académica com uma vida independente onde temos que tratar da nossa alimentação, da limpeza da casa, lavar a roupa, lavar a loiça, pagar contas, arranjar mobília para a casa... Uma série de problemáticas e necessidades próprias da vida de qualquer casa, que ganham características únicas quando falamos de casas partilhadas. Embora sejam casas como outras quaisquer, se pensarmos no grupo que aqui se forma - que naturalmente se relaciona, com interesses em comum, que divide responsabilidades, partilha espaços, bens, etc - esta “casa longe casa” revela um grande potencial para a criação de soluções específicas para as problemáticas e relações inerentes a esta realidade em grupo.

1.1.2. Individual VS Coletivo

Se por um lado existem casas que funcionam como um coletivo (ou comunidade), onde as pessoas se conhecem, convivem, partilham entre si e resolvem em conjunto certas necessidades do dia-a-dia; Por outro, existem casas onde cada residente funciona como um órgão individual, centrando a sua vivência no interior do seu quarto, devido a constrangimentos como falta de confiança ou conflitos, acabando por ocorrer um certo isolamento da pessoa e consequentemente pouca

partilha e comunicação entre moradores.

Duas dimensões opostas que estão sempre presentes neste contexto de partilha de casa, tanto a nível de espaços (ver ponto 1.1.3) como a nível de bens: alguns são para o uso geral da casa, outros são para consumo individual.

Ao contrário da casa individualista (onde cada um faz o seu jantar, onde cada um compra o seu pão, etc), a casa que funciona como um coletivo, que faz as compras em conjunto, que junta todos os residentes à mesa na hora do jantar, consegue poupar nas despesas do dia-a-dia e reduzir a criação de desperdício.

1.1.3. Privado VS Partilhado

Se, olhando para a Idade Média, o quarto era um sítio barulhento, com visitas sempre a entrar e a sair, um espaço de partilha que servia para unir a comunidade¹, nos dias de hoje, o espaço “quarto” tem uma definição completamente oposta a esta, mais ainda quando se fala de casas partilhadas.

Normalmente o estudante aluga não uma casa mas um dos quartos desta, e este é o único espaço verdadeiramente “seu”, o único espaço privado nesta casa partilhada. É nesta divisão que centramos o nosso universo pessoal, e procuramos momentos essenciais para o bem-estar individual como descanso, privacidade, concentração...

Depois temos os espaços comuns da casa- normalmente compostos por casa de banho, cozinha e sala- que são utilizados por todos os residentes (ambientes propícios à partilha de bens, tarefas, etc). E se por um lado o quarto é gerido por cada um, o resto da casa é gerido por todos os residentes e devem todos contribuir para o bem-estar e conforto do seu lar.

Comecei a entender então as diferentes dimensões existentes no seio deste tipo de casa: A do espaço privado versus espaço partilhado, e como a balança entre estes dois é essencial para o bem-estar da casa. Se por um lado as pessoas se relacionam e partilham o que têm em busca deste bem estar comum, por outro lado é preciso respeitar o espaço de cada um para que possa existir uma convivência saudável.

¹ *If walls could talk: the history of the home* (2012). Série documental produzida pelo canal BBC4.

1.2. Objetivos:

A partir do desenvolvimento inicial de projeto (que consistiu numa pesquisa de projetos pertinentes, e do registo fotográfico de várias casas- ver metodologias), foi possível definir problemáticas transversais a este tipo de casa, e consequentemente definir os objetivos deste projeto:

- Entender a relação de quem mora neste tipo de habitação com os objetos que a povoam e perceber quais têm menos ou mais valor para o estudante, o que é ou não essencial, o que faz a estes quando se vai embora, etc.
- Explorar o sentido de comunidade e de partilha, em detrimento de um espírito individualista, de isolamento social.
- Desenvolver soluções que otimizem o relacionamento do indivíduo com o espaço e com os recursos envolventes, reduzindo o desperdício através da partilha.
- Potenciar a partilha de bens, a comunicação e o respeito entre residentes.
- Suprimir certos constrangimentos com impacto na vivência normal do indivíduo no seio do grupo, ou do grupo na vivência do indivíduo (ruído, intimidade, privacidade, etc.).
- Contribuir para um modelo de consumo mais sustentável e responsável, assente numa ideia de partilha (de informação, conhecimento e troca de “know-how”) que sugira às novas gerações estudantis formas de reduzir o valor de certas despesas (como mobiliário, alimentação, serviços básicos, etc).
- Criar produtos que possam ser produzidos localmente (apoando assim o desenvolvimento da região onde vivo), com recurso a técnicas e tecnologias elementares.

1.3. Fundamentação

1.3.1. Conceitos estruturantes (fundamentos teóricos)

“A troca e a partilha social estão a tornar-se numa modalidade comum de produção de desiderata valiosa no centro das mais avançadas economias- informação, cultura, educação, computação e das comunicações. (...) Temos que aprender a ajustar nossas expectativas, suposições, e, finalmente, decisões políticas, de forma a acomodar a crescente importância das relações sociais em geral, e da partilha em particular, como uma modalidade de produção económica.”

(Benkler, 2005, pp. 273-358) ¹

¹Benkler, Yochai (2005). *Sharing Nicely: On Shareable Goods and the Emergence of Sharing as a Modality of Economic Production*. Yale Law Journal.

Todos sabemos que a atual crise económica que vivemos foi em parte gerada pelo consumo desenfreado, pela compra a crédito, entre outras variáveis.

Passámos demasiado tempo a promover um estilo de vida onde conseguíamos obter tudo o que queríamos sem grandes dificuldades, onde ao domingo levamos a família a passear ao centro comercial, promovendo a ideia de que o acesso à felicidade nos chega através da posse de determinados bens, dependendo e passando demasiado tempo das nossas vidas com estes.

“Vivemos numa sociedade de crescimento cuja lógica não é crescer para satisfazer necessidades, mas crescer por crescer, crescer com uma produção sem limites. E para justificá-lo o consumo deve crescer sem limites”. (Latouche, S. 2011) ¹

Define-se em consequência um dos conceitos estruturantes do projeto: A conexão de objetos, desenhados num caminho contrário ao do consumismo, que potenciem atos de partilha entre as pessoas, que gerem momentos em grupo, promovendo valores como a amizade, poupança ou colaboração... E relações cada vez mais esquecidas como a “relação entre comunidade e a relação com a terra”

“Cada vez dependemos mais dos objetos para nos transmitirem uma sensação de autoestima e identidade. É a consequência do colapso de certas coisas que nos atribuíam uma identidade- Como a relação entre uma comunidade ou a relação com a terra- Coisas que foram sendo substituídas pelo consumismo”. (Thackara, J. 2011) ¹

“O que quer que possuamos, ganha o dobro do valor quando temos oportunidade de o partilhar com outros.” (Bouilly, Jean-Nicolas, n.d)

Os objetos apresentados nesta “casa longe de casa” pretendem ser produtos elementares, duradouros, económicos, que procuram uma ligação ao lado humano (aos seus problemas e necessidades). Feitos a nível local (promovendo a indústria, o emprego e os recursos locais), sob encomenda ou em pequenas séries (de forma a investir apenas conforme a necessidade).

¹ em *Comprar, Tirar, Comprar: La historia secreta de la Obsolescencia programada* [Filme-vídeo].

A exploração desta tipologia de objeto simples e funcional, centrado nas necessidades do estudante e que apoia o desenvolvimento local, define-se como conceito estruturante deste projeto.

“Sinto uma mudança real a acontecer no mundo. Do global e tecnológico, estamos a voltar ao local, ao humano, ao autêntico”. (Maeda, John, 2009, p.24) ¹

“Ao reduzirmos o consumo e a produção, podemos libertar tempo para produzir outras forma de riqueza, inesgotáveis, como a amizade ou o conhecimento(...)” (Latouche, S. 2011)²

“ O lixo criado desde a Era Industrial que andava a ser escondido dos nossos olhos está agora a chegar às nossas vidas, e não podemos evitar este problema(...) A economia do desperdício está a chegar a um fim, porque já não existem sítios físicos onde colocar o lixo criado.” (Thackara, J. 2011)²

“A posterioridade nunca nos perdoará. E a posteridade vai conhecer esta atitude e estilo de vida do “de-ita fora” das pessoas de países desenvolvidos.” (Anane, M. 2011, em relação ao facto do Gana receber toneladas de material informático obsoleto proveniente da Europa e da América do Norte) ²

A criação de objetos duradouros, que estimamos e preservamos, contra o hábito do descartável, que estimulam a partilha de certos bens e recursos de forma a evitar a criação de desperdício (e a consequente otimização de meios) é outro dos conceitos a explorar neste trabalho.

“(...) Vim a descobrir a semelhança entre as palavras “comunidade” e “comunicação”, e também entre “conectar” (“connect”) e “contexto” (“context”). A semelhança implica uma relação inextricável: É impossível criar uma comunidade quando as pessoas não comunicam verdadeiramente, e é impossível conectares-te com alguém quando não prestas atenção ao contexto onde essa conexão se vai realizar (...)” (Maeda, John, 2009, p.24) ¹

Ao analisar o meu universo das casas partilhadas, comecei a notar a importância da comunicação no seio da habitação. Não pode existir um espírito de comunidade sem comunicação, e penso ser importante que estas casas funcionem quase como uma comunidade, uma família, onde existe respeito mútuo, partilha, entreajuda, onde todos querem o mesmo: uma casa estimada, onde nos sentimos

¹ em *Make, Believe* um artigo de John Maeda para a revista *Print*, vol. 62.

² em *Comprar, Tirar, Comprar: La historia secreta de la Obsolescencia programada* [Filme-vídeo].

confortáveis, onde gostamos de estar, onde jantamos em conjunto em vez de cada um no seu quarto, onde compramos bens essenciais em conjunto, onde todos ajudam na lida da casa... Uma casa onde os seus moradores se relacionam e resolvem entre si os problemas próprios deste tipo de habitação partilhada, conseguindo assim otimizar meios e recursos evitando a criação de desperdício.

É importante que esta projeto reflita também esta atenção pela comunicação como um meio para que a casa partilhada funcione como um coletivo, através da criação de soluções que potenciem esta. Objetos que criem momentos de relacionamento e comunicação, porque através destes podemos atingir o tal espírito de comunidade, tão importante neste tipo de habitação.

Para além da relação entre moradores, penso ser ainda de grande importância potenciar também a comunicação e relação entre vizinhos, entre bairros, entre as várias comunidades académicas e a comunidade local. Exemplo disso é o projeto de comunicação “Cuida do teu bairro” levado a cabo por jovens moradores lisboetas que pretendiam através de mensagens sensibilizar os moradores de determinados bairros a tratarem com maior respeito o espaço público, e a trazer de volta o que de bom existe num espírito bairrista como a cooperação, comunicação e convívio.

“Sorria, está nos Anjos”, “Cumprimente o seu vizinho”, “Recolha o cocó do seu cão”, “Ponha uma flor”. Com estas palavras, Pedro Pinto Correia, mentor do projeto, pretende “reforçar velhos hábitos de boa vizinhança e com eles ampliar a consciência coletiva da população”. O “espírito bairrista” é possível, mesmo nas grandes cidades, acredita. “Mesmo porque, se formos todos simpáticos uns com os outros, só temos a ganhar.” (Correia Pinto, Mariana, 2012).¹



1. “Cuida do teu bairro”.

¹em *Cuida do teu bairro: Arquiteto quer Lisboa a cuidar da rua como cuidam de casa*, revista P3.

1.3.2. Análise de projetos de referência

“NSFB”, projeto pessoal

Projeto desenvolvido no último ano da licenciatura que consistia na recuperação de mobiliário através do uso do graffiti. As peças de mobiliário escolhidas eram recicladas ou reaproveitadas (algumas reparadas) e o objetivo era que estas velhas peças, desgastadas pelo tempo, ao qual já ninguém dava valor, voltassem a ser inseridas num contexto moderno.

Do ponto de vista do “graffiter”, o desafio era inserir as peças de mobiliário na sua obra. Transpor o graffiti da parede para o mobiliário inserido estrategicamente na imagem a ser criada, aproveitar as formas da mobília na conceção da “pintura”, apelando à criatividade para o surgimento de novas ideias quanto ao desenho a ser aplicado no espaço.

No decorrer deste projeto tive a possibilidade de trabalhar no interior de uma casa partilhada por estudantes, e foi aqui que entendi o potencial deste tipo de casa enquanto oportunidade de projeto, e ganhei interesse em intervir sobre esta um dia mais tarde.

Embora a nível conceptual os projetos não se relacionem, penso que sem o projeto “NSFB” não existiria hoje esta “casa longe de casa”, daí considerá-lo relevante para este trabalho.



2. Fotografia do catálogo da exposição de finalistas, 2009.



3. Exposição “NSFB”, 2010.

“Réanim”, por “5.5 designers”

Projeto que consiste num hospital de objetos localizado no meio da cidade, onde as pessoas podem levar os seus objetos “magoados” a serem observados por um designer que prontamente “receita” a melhor solução para curar a sua anomalia. Este projeto mostrou-me como podemos envolver e criar momentos de comunicação, cooperação e convívio entre a comunidade local num pequeno evento que tem como fim dar uma nova vida a objetos antes vistos como obsoletos.

Ainda acerca deste projeto, interessa-me a forma como a criação de uma experiência confere um novo valor a objetos antes considerado lixo. A pessoa volta a “apegar-se” aos objetos, devido à história que este agora conta.

Também eu procuro esta valorização do objeto no seio da casa partilhada: objetos que passam de geração em geração de estudantes, que têm histórias para contar, um legado para o qual todos vão contribuindo.



4. Imagem da exposição “Réanim”.

“Pod chair”, por Benjamin Hubert

A cadeira “pod” é uma referência dentro da categoria de objeto que procura suprimir o impacto do grupo na vivência do indivíduo. Uma nova tipologia de cadeira que nos oferece uma maior privacidade, ganhando mesmo a denominação de “privacy chair”.

É pensada para ser usada em escritórios, projetos residenciais, ou até espaços públicos. A forma e ergonomia desta permite ao utilizador trabalhar confortavelmente e separar-se da confusão do local, criando a sensação de estarmos num espaço dentro de outro espaço.

Dentro desta ideia de produto vale a pena referir ainda o projeto “Stretch out” de jolien hanemaaijer para a companhia hanemaai - uma tenda interior portátil que nos permite criar o nosso espaço pessoal onde e quando queremos, e os painéis acústicos “Mitesco” por Michele de Lucci para a empresa “Caimi”.



5. Cadeira “Pod”



6. Projeto “Stretch Out”



7. Painéis “Mitesco” (render)

“Frigo”, por Gonçalo Prudêncio

Consiste num projeto “faça-você-mesmo”, onde o designer disponibiliza no seu *site* um conjunto de instruções que nos ensinam a criar um “frigorífico” alimentado unicamente por energia solar¹. Este tipo de solução é inspirado no antigo engenho conhecido por “zeer pot” ou “pot-in-pot refrigerator”², utilizado nos desertos de África, que consiste num sistema de refrigeração e conservação de alimentos através do fenómeno da evaporação.

“Frigo” não substitui o frigorífico de uma casa, mas mostra de uma forma simples e económica como, a partir de 3 vasos, podemos criar este “contentor” e conservar alimentos no seu interior, recorrendo apenas a energia solar para cumprir a sua função.

Antes de haver eletricidade já existiam frigoríficos, e eram com sistemas deste tipo (refrigeração por evaporação) que estes funcionavam. Interessa-me, enquanto designer, compreender estas técnicas e tradições ancestrais, que ensinam a responder a determinadas necessidades sem depender de fontes de energia não renováveis, e tentar transpô-las para um novo contexto, como é o caso deste projeto.



8. Imagem de “Frigo”

¹ Em <http://gpodonline.net/frigo/>

² Elkheir, M. (2004). *Refrigeration, the african way* © SciDev:Net

“The Crates”, por Jingjing Naihan

Consiste numa coleção de contentores que quando abertos contém soluções para a casa como uma cama, um armário, ou até mesmo uma cozinha. Quando fechados parecem simples caixotes para mercadorias.

Esta coleção foi desenhada a pensar nas constantes mudanças da paisagem urbana em Beijing, onde o passo imprimido pela mudança impõe aos seus cidadãos que estejam constantemente a mudar de casa, de forma a que esse espaço seja reorganizado.

Penso que este tipo de solução acaba por ser interessante neste contexto, porque também o estudante acaba por mudar muitas vezes de casa, devido aos mais diversos motivos.

De fácil transportabilidade, “condensando” num espaço mínimo as soluções essenciais para “recheiar” uma casa com tudo o que necessita, “The Crates” é uma referência na medida em que é um exemplo de objeto elementar feito para cumprir uma necessidade específica de determinadas pessoas.



9. “The Crates” (móvel para televisão- fechado)



10. "The Crates" (móvel para televisão- aberto).



11. Solução presente no livro "Low Cost Design".

"Low Cost Design", por Daniele Pario Perra

As casas partilhadas por estudantes são conhecidas pelo vasto leque de soluções "improvisadas" que se podem encontrar no seu interior: desde cortinas feitas com pacotes de leite, a esparguete que desempenha o papel do fósforo.

Neste livro vemos exemplos desta criatividade espontânea por vários autores desconhecidos. Todos estes exemplos são objetos criados para satisfazer necessidades concretas, que demonstram o potencial que todos temos em resolver problemas com o que temos à mão, através de soluções simples e de fácil execução.

Interessa-me o registo e exploração deste tipo de solução conhecida no Brasil por "gambiarra"- "*práticas que se utilizam da improvisação para gerar soluções*" (Carlos Quinto, A. 2006) ¹ porque para além de económicos e úteis ao estudante que partilha casa, anunciam proble-máticas e necessidades relevantes no seio do lar, importantes o suficiente para alguém tentar resolvê-los. Estas soluções "desenrascadas" contam-nos histórias pertinentes, que podem levar à origem de oportunidades projetuais.

¹ em *Conceitos de design de produto e "gambiarra" podem estar próximos em suas conexões*. Agência USP de Notícias.



12. Solução presente no livro "Low Cost Design".

DESCRIÇÃO

2.1. Descrição do contexto de projeto

Contexto socioeconómico

Visto que este projeto se insere no universo das casas partilhadas por estudantes, não pode este ignorar o atual contexto socioeconómico em que vivemos: em clima de crise. Todos somos afetados e todos pagamos a fatura da dívida contraída pelo país no passado.

Cada vez mais políticas de austeridade são aplicadas em todos os setores do Estado, que acabam por ter impacto na vida dos que agora procuram uma educação superior, assim como daqueles que procuram um lugar no mercado de trabalho após concluírem os seus estudos- Agência Lusa (2012) relata que “em Agosto de 2011, o número de desempregados licenciados era superior a 80 mil”¹). Com cada vez menos dinheiro no bolso, esta geração começa a ficar conhecida como a “geração à rasca” (“desempregados, “quinbentoseuristas” e outros mal remunerados, escravos disfarçados, subcontratados, contratados a prazo, falsos trabalhadores independentes, trabalhadores intermitentes, estagiários, bolseiros, trabalhadores-estudantes, estudantes”²) porque realmente é cada vez mais difícil pagar as contas ao fim do mês e viver apenas o essencial é cada vez mais uma obrigação do que uma opção.

Cada vez mais jovens, e até mesmo adultos, partilham casa até mais tarde como forma de combater os custos mensais³, mas também são muitos os que agora se vêm obrigados a voltar para casa dos pais. Longe vão os tempos em que se sonhava comprar uma casa paga com o salário de um bom emprego fixo.

As mudanças no nosso contexto económico estão a ter uma grande influência na forma como a nossa sociedade se organiza. Para além de se partilhar casa até mais tarde³ e de haver agora uma maior otimização de meios, nota-se um novo nomadismo entre os jovens- sem medo de pôr a mochila às costas e ir à procura de emprego num novo destino. Por outro lado, é de notar ainda um regresso ao que é local, cada vez há mais pessoas a produzir as suas hortas, faz-se sentir um “êxodo urbano” (as pessoas a voltarem para terras onde nasceram), uma revalorização da terra, porque talvez devido aos excessos do passado sentimos agora que desde que tenhamos alimento e casa, desde que consigamos ser autónomos e sustentáveis, temos tudo o que precisamos para sermos felizes.

¹ Desemprego entre licenciados duplicou em quatro anos, revista P3.

² Manifesto, autor desconhecido, no Blog “Geração enrascada”.

³ A moda de partilha de casa, revista Visão Online.



A “crise” está a fazer a sociedade voltar à “realidade”, a fazer com que se alterem certos comportamentos e voltem velhos hábitos de poupança.

Molda-se um novo tipo de consumidor- “tecnológico, informado, (...) exigente” (Tomás, Ana, 2013)¹. Tentamos agora poupar ao máximo em tudo: Na alimentação, cada vez se vê mais “packs promocionais económicos para a família”; Na gasolina, crescem as bombas “low-cost”; No retalho, há cada vez mais saldos. A ordem é: Gastar o menos possível.

Mas esta transformação social também serve como pretexto para a intensificação da cooperação e partilha entre comunidades como meio de combate às dificuldades financeiras. E os objetos que nos circundam podem ter um papel importante no que toca a novas maneiras de poupar e otimizar o nosso dia-a-dia, de aproveitar melhor o que já temos, assim como a reduzir o desperdício, através da partilha.

Estamos na altura certa para que comecem a aparecer soluções que sugiram às gerações mais novas como podem poupar, como podem reduzir a despesa ao fim do mês, através de valores humanos como a partilha e do sentido de comunidade. As casas partilhadas por estudantes ganham força como sitio modelo para esta tipologia de objeto, visto que existe aqui um sentido de comunidade, responsabilidade, e de partilha de bens e tarefas. Mas é também o atual contexto socioeconómico que torna pertinente a conceção deste tipo de solução.

Contexto local

“Casa longe de casa” é um projeto que se inicia na cidade das Caldas da Rainha, devido à minha experiência pessoal enquanto membro da comunidade estudantil existente na cidade, e por também viver numa casa partilhada (com mais 6 pessoas).

Mas a minha experiência acaba por funcionar só como ponto de partida. Foram visitadas mais algumas habitações nas Caldas da Rainha de forma a aumentar o meu campo de análise (o que permitiu uma melhor compreensão de todo o contexto relacionado com o estudante da cidade das Caldas da Rainha- para além da minha própria experiência).

O contexto específico desta cidade foi importante para o desenvolver deste projeto: desde a ESAD.CR, à indústria e comércio local, à comunidade local. São vários os pontos de referência que acabaram por ter uma influência no desenvolver dos projetos pertencentes a esta ordem de trabalhos.

¹ Crise gera novo tipo de consumidor, Jornal I online



13. A sala de estar da minha “casa longe de casa”, e um dos seus residentes



Do micro ao macro

A partir desta realidade- a minha- chega a altura de ampliar o campo de análise: Conhecer outras casas, outros contextos, outras cidades, outros países, e de conhecer as experiências de outros estudantes nas suas casas partilhadas; Cruzar a informação recolhida, de forma a entender quais as questões transversais neste contexto de habitação partilhada por estudantes, para que finalmente possam ser produzidas soluções que se adaptassem tanto à casa e ao contexto local em que me insiro, como a outra qualquer casa “longe de casa”.

Para além das casas localizadas nas Caldas da Rainha foram visitadas casas de diferentes locais e áreas de estudo: Em Lisboa, uma casa de estudantes de Engenharia e Medicina Chinesa; Outra, no centro de Barcelona onde a renda de cada quarto rondava os 600euros; a um “squat”- *ocupar ilegalmente um edificio inabitado(...)* (Oxford Dictionaries, 2012)¹ num antigo quartel de bombeiros em Londres, constituída por jovens Portugueses, Polacos e Italianos.

Estas deram-me uma visão privilegiada da forma como as pessoas se relacionam entre si e com os espaços envolventes da casa, e de como podem existir várias soluções para resolver os problemas e necessidades próprios deste tipo de habitação partilhada.



¹ “unlawfully occupy an uninhabited building or settle on a piece of land”, Oxford Dictionaries



14. Parede num dos corredores do antigo quartel de bombeiros. Em Vauxhall, Londres.



15. Armazém pertencente ao antigo quartel de bombeiros, agora usado para a realização de eventos.



16. Quarto em Barcelona.



18. Kitchenette, em Berlim.



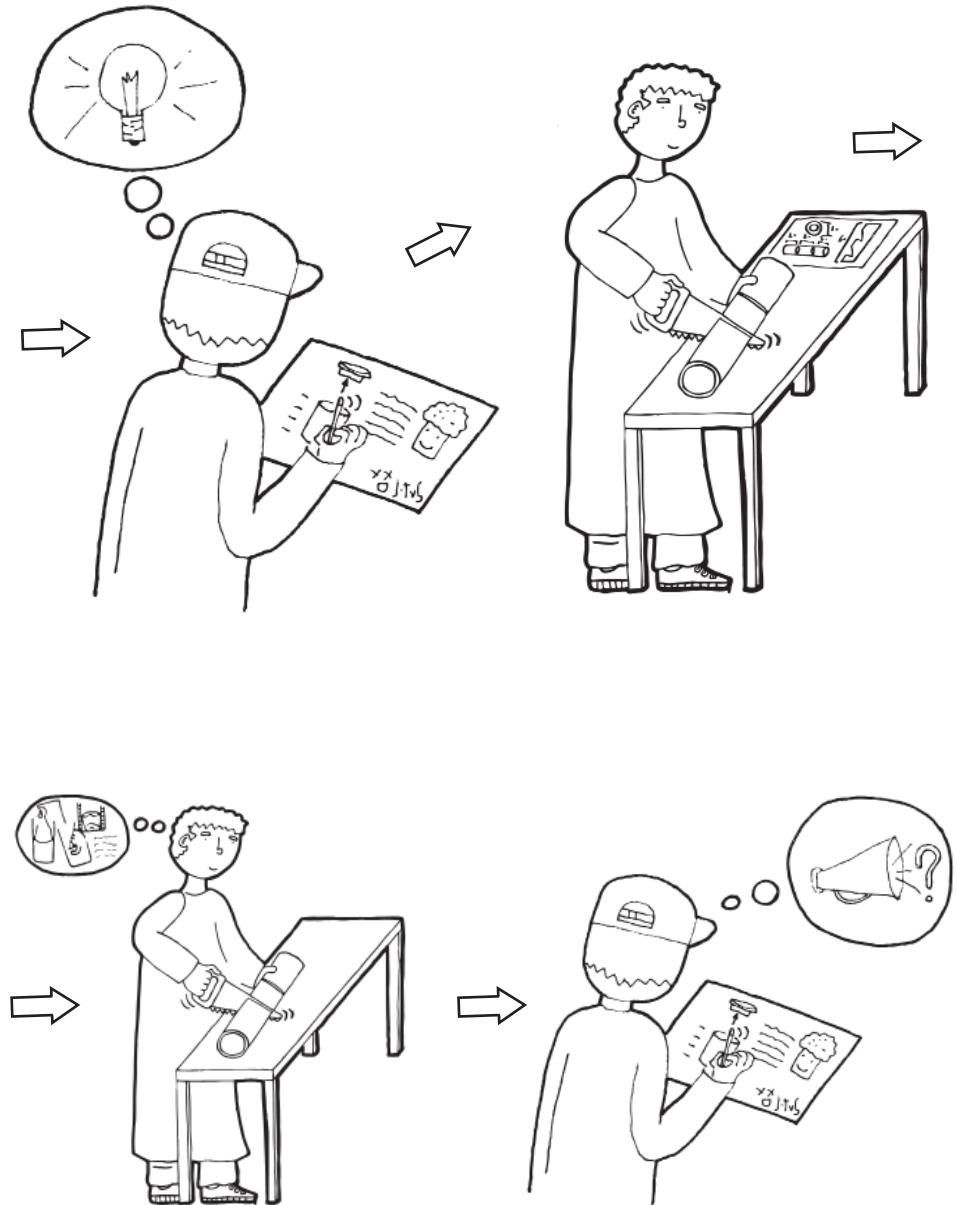
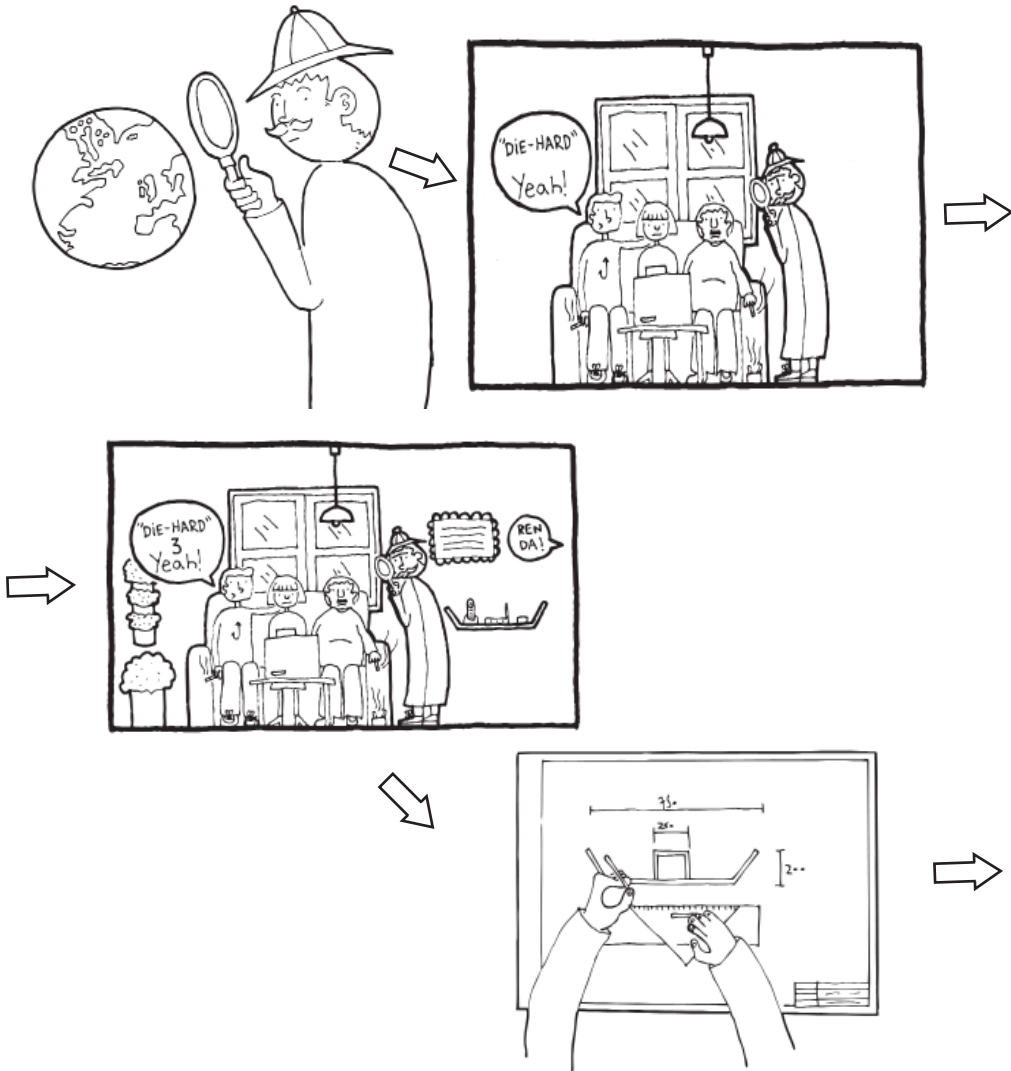
17. Casa partilhada nas Caldas da Rainha



19. Outro "squat" em Londres. Num antigo restaurante chinês

2.2. Metodologias

“Ainda que os olhos, lápis e mão possam ser as ferramentas do passado, acredito que também sejam as ferramentas do futuro (...)” (Maeda, John, 2009, p.24) ¹



¹ em *Make, Believe*, revista *Print*, vol. 62.

2.2.1. Identificação de projetos pertinentes

O primeiro passo deste projeto foi dado no sentido de entender quais as soluções (nas mais diversas áreas- se arquitetura, engenharia, arte, design, etc.) que de alguma forma se relacionavam com as premissas deste projeto- partilha, redução VS consumismo, criação de desperdício. Assim como projetos que de alguma forma se relacionavam com casas partilhadas por estudantes ou comunidades.

Após uma vasta análise de conteúdos, esta primeira pesquisa revelou grande importância na hora de definir o caminho a seguir (sendo que os projetos mais relevantes estão figurados no ponto 1.3.2- Análise de projetos de referência).



2.2.2. Detecção de problemáticas através de uma metodologia de estudo de caso

A partir da intenção de detetar problemas e necessidades comuns no seio da casa de estudantes para consequentemente minimizar o impacto destas, apercebi-me da necessidade de não me basear unicamente na minha experiência pessoal e de definir como uma metodologia para este projeto a visita a casas de outros estudantes, de outras cidades e países.

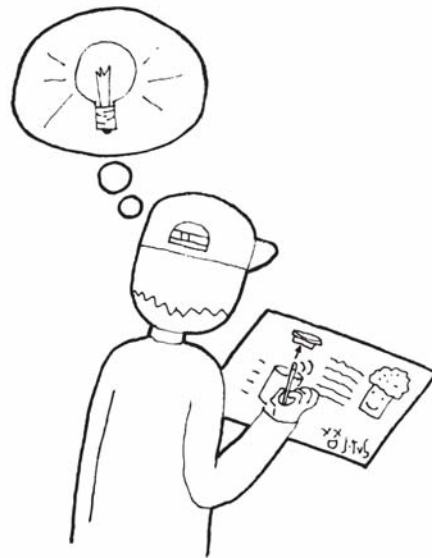
Interessava-me recolher dados referentes a outros contextos, experimentar viver noutras casas, conhecer outras experiências, outros espaços, outras comunidades, perceber o que é partilhado e o que é individual... E foi através deste método empírico- através do que pude observar e experienciar- que defini as problemáticas que deram origem aos projetos pertencentes a este trabalho.

Devido a estas minhas visitas conseguia sempre falar com os residentes da habitação, fazer algumas perguntas sobre a casa, sobre a origem de determinados objetos, o que acabou por funcionar um pouco como uma entrevista, ainda que num registo um pouco mais “informal”.



2.2.3. O desenho como ferramenta (parte 1): Desenho exploratório

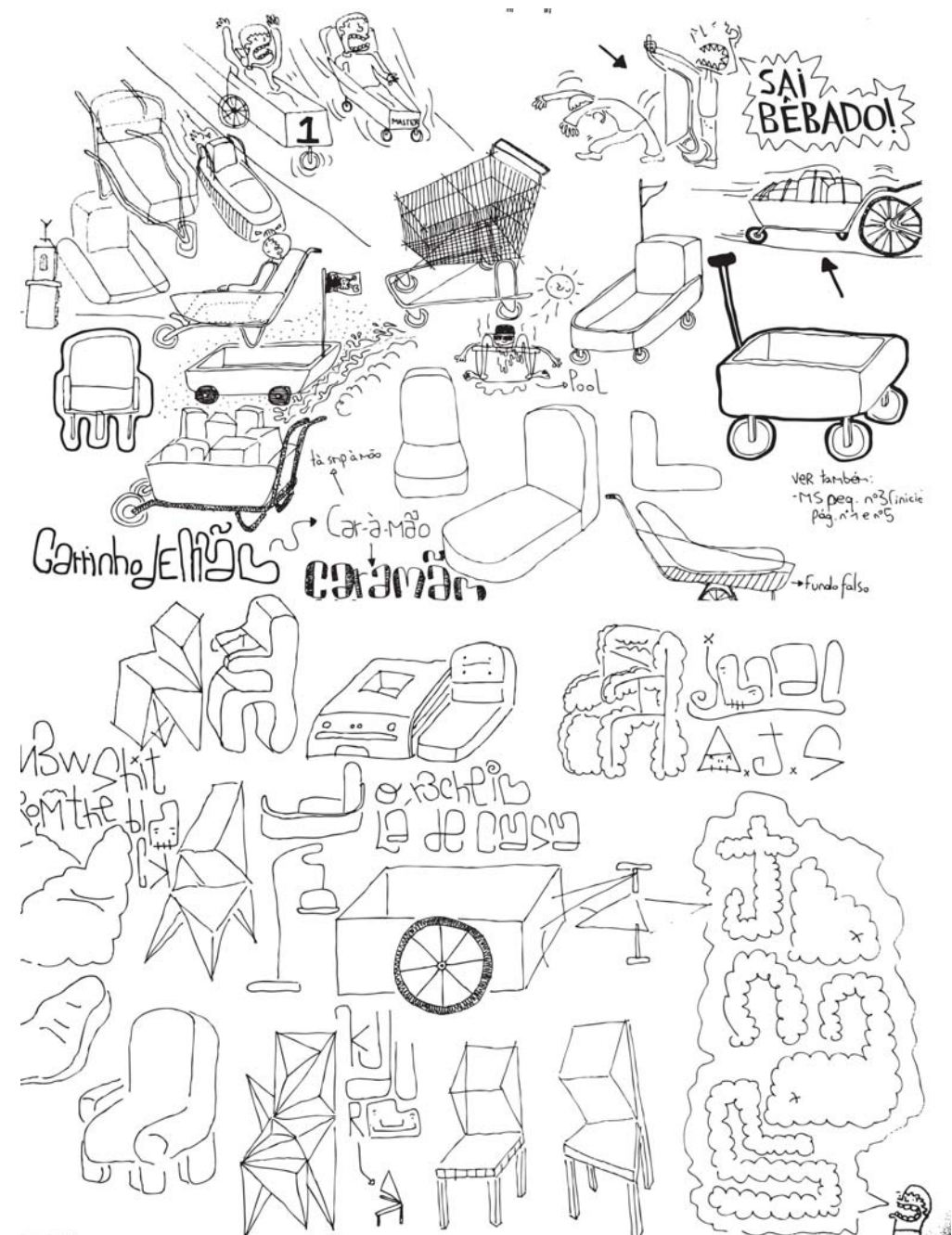
"(...) enquanto instrumento, não podemos deixar de referir que entendemos a intervenção do desenho manual no desenvolvimento do projecto como o momento criativo por excelência, a componente gráfica explorada pelo individuo que usa o lápis (caneta, marcador, ou outro) confere 'poesia' ao projecto, uma vez que quem desenha, quem regista e investe contra o papel dando forma às coisas, imprime o seu cunho. Transporta consigo as suas experiências, as suas hesitações e certezas. O desenho dá ao projecto a oportunidade de transgressão e crescimento." (Tavares, Paula, 2009, pp.7-24) ¹



Após esta primeira fase de pesquisa, que contribuiu para uma estruturação do projeto e definição de problemáticas, chega a hora de procurar soluções. De explorar ideias através do desenho.

Mas o desenho acaba por ser uma ferramenta que é utilizada em momentos diferentes no desenvolvimento deste projeto. Nesta primeira fase, o desenho é especulativo, serve para pôr soluções e observações no papel. Nesta fase começa-se a fechar caminhos e a decidir quais as problemáticas a desenvolver, para depois serem esboçadas as primeiras formas, que darão origem à construção dos primeiros protótipos.

¹ em O desenho como ferramenta universal. O contributo do processo do desenho na metodologia projectual. Revista Técnica, nº12



2.2.4. Construção de modelos

Identificadas as problemáticas a seguir, e desenhadas soluções que respondessem a estas, chega a altura de criar os primeiros modelos para experimentar e validar ideias.



Nesta fase é essencial a inserção no contexto das Caldas da Rainha, que possibilitou uma grande oferta de materiais e tecnologias. Procurei comparar preços, materiais, tentando compreender quais os melhores estabelecimentos a nível local para adquirir certos produtos essenciais para esta fase de construção de modelos, na intenção de conseguir entender o custo de produção dos projetos que compõem este corpo de trabalho.

O meu próprio contexto doméstico foi importante nesta fase de construção de modelos. Era na minha própria habitação que montava o meu “*research lab*”¹: Um estúdio de fotografia, uma oficina, uma estufa de pintura... Interessava-me manter o trabalho centrado na minha habitação, criar as minhas próprias condições de trabalho no meu espaço, explorar a dimensão do “home-made”- construir a partir de casa - de forma a perder alguma “dependência” pelas condições oferecidas pela escola. Mas também porque me interessava esta capacidade de transformação do espaço da casa em oficina, dando resposta a necessidades características de um estudante nas áreas criativas como é o caso da construção de protótipos, pintura, ou fotografia.

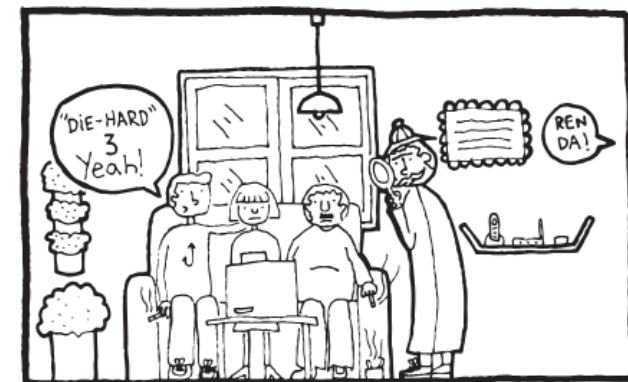
¹ “*design requires a space -the research lab- for design risk-taking, speculation and discovery, not only for specific applications but also to expand our knowledge of design itself.*” Burdick, Anne, 2003, em *Design (as) research*.



20. No terraço de minha casa, a experimentar vários tipos de cola para o projeto “Solitude”.

2.2.5. Ensaio

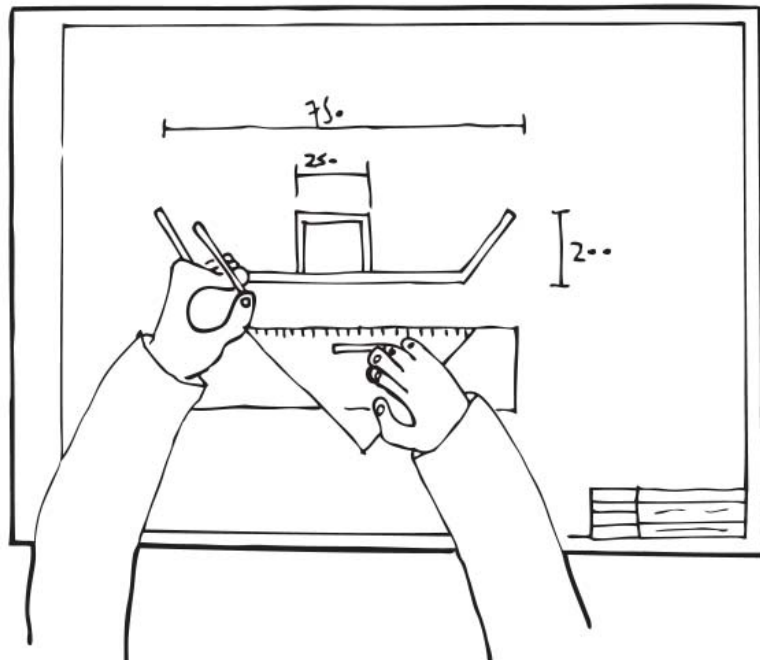
Os primeiros modelos são trazidos para o meu contexto doméstico. Vivendo também eu numa casa partilhada por estudantes, tinha aqui o contexto certo para o registo fotográfico dos projetos (em contexto de uso), assim como para experimentar e validar as soluções desenvolvidas. Aproveitando o facto de partilhar casa com outras 6 pessoas, estas eram “alvos perfeitos” para uma análise da relação criada com estes primeiros modelos, o que permitiu esclarecer várias dúvidas, definir pormenores... Um ensaio, neste “*research lab*” que é a minha casa (como visto no ponto 2.2.4), que possibilitou uma grande aprendizagem, ajudando a validar quais os projetos que viriam a integrar este corpo de trabalho.



2.2.6. O desenho como ferramenta (parte 2): desenho técnico

Após validação de alguns projetos, chega a altura de utilizar o desenho técnico como ferramenta de projeto.

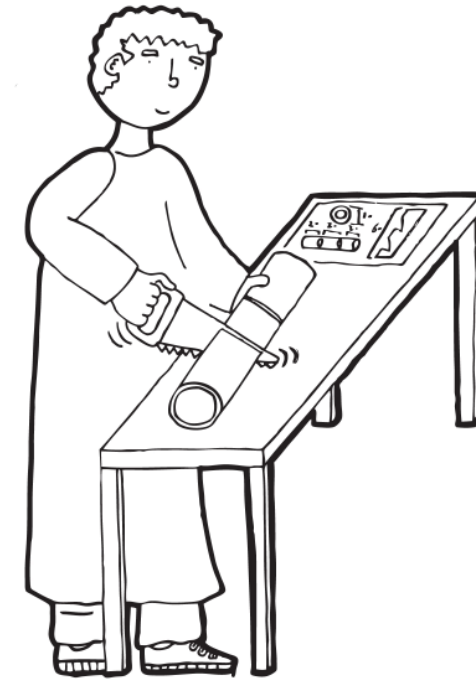
Numa primeira fase, o desenho era uma ferramenta “desbloqueadora”, um estímulo para a inspiração e criatividade. Agora procura-se um desenho rigoroso, que proponha incorporar todos os pormenores técnicos decifrados na fase anterior e propôr o desenho final para construção dos modelos finais. Estes podem ser consultados no CD (anexos).



2.2.7. Construção de modelos finais

Decididos quais os materiais finais, como e aonde executar os projetos, e criados os desenhos finais dos projetos escolhidos, chega a hora de voltar à oficina para a execução dos modelos finais.

Os desenhos técnicos podem ser vistos no cd em anexo.



2.2.8. O desenho como ferramenta (parte 3): Desenho Comunicativo

O desenho volta a ser usado uma última vez neste projeto como método para comunicar com o utilizador.

Cada projeto tem o objetivo de ser acompanhado por ilustrações figurativas que ajudam o utilizador a entender os objetivos e utilização deste.

Estes desenhos podem ser vistos no ponto 2.4- Apresentação de resultados, ou no CD (anexos).

Assim como ao longo do relatório, pretendo usar este tipo de desenho ilustrativo para que o leitor entenda mais facilmente a história que este narra.



2.3. Descrição do desenvolvimento do projeto

1ª fase: “Inspiração”¹ (pesquisa e registo)

“Casa longe de casa” tem início a partir da ideia de intervir neste espaço partilhado por estudantes. A partir daqui foi feita uma pesquisa de projetos pertinentes para este tipo de habitação e seus respetivos habitantes.

Ao mesmo tempo que se procedia a esta análise, foi também desenvolvida uma metodologia de estudo de caso tendo assim a oportunidade de captar momentos e situações pertinentes para o desenvolvimento de futuras soluções:

- A presença neste tipo de habitação de uma dualidade existente entre o espaço privado e o espaço partilhado (problemática referida no ponto 1.1.3 - “Privado VS Partilhado”);
- A relação íntima entre o utilizador e o seu quarto, e como este espaço nos revela imensos traços da personalidade da pessoa que o habita.
- A existência de várias barreiras na comunicação entre moradores pelos mais variados motivos (pouco “à-vontade”, falta/excesso de confiança, rancores, esquecimentos, etc);

¹“O problema ou oportunidade que motiva a procura de soluções”. Brown, Tim,(2003), *Change by Design*, p.15

- A escassez de certos hábitos “saudáveis”, como o ato de cultivar (jardinagem) ou fazer reciclagem, neste tipo de habitação.
- A maioria do mobiliário destas casas ou é reaproveitado ou provém de uma qualquer multinacional no ramo do mobiliário (regra geral, tenta-se gastar o menos possível garantindo um certo nível de conforto);
- As mudanças de casa são constantes, feitas “a correr” e sem grandes meios;
- Nota-se ainda um certo desapego do estudante com o mobiliário que vai adquirindo ao longo da sua estadia numa casa partilhada. São muitos os que quando finalizam os estudos e voltam para casa dos pais abandonam grande parte dos seus móveis e afins na casa que dantes alugavam, por falta de tempo, espaço ou paciência;



21. Cozinha de uma casa partilhada nas Caldas da Rainha



22. Quarto de uma estudante em Lisboa.



24, 25. Quarto de um estudante nas Caldas da Rainha



23. O terraço da minha “casa longe de casa”

- De registar ainda como em certas casas existiam sistemas, um conjunto de regras, para a atribuição de certas tarefas como limpezas e pagamentos de despesas, assegurando assim uma ajustada distribuição entre os residentes.

Dando o exemplo do sistema criado em minha casa, ponto de partida deste projeto, a partilha acontece a diferentes níveis: Certos bens são para uso comum (como o azeite, café, papel higiénico ou detergentes) e comprados à vez (optámos por dividir apenas aqueles produtos de uso diário com um escoamento mais rápido). Partilhamos ainda, sempre que temos hipótese, produtos hortícolas (que alguns de nós conseguem trazer de casa dos pais ao fim-de-semana), bolos, refeições caseiras, etc.

A lida da casa é repartida pelos sete moradores, através de um esquema rotativo que atribui a cada duas semanas a limpeza e arrumação dos espaços comuns (sala, casa de banho, cozinha, e corredor) e escoar o lixo. Cada um de nós é responsável ainda pelo pagamento de uma das despesas da casa (renda, internet e telefone, água, eletricidade e gás) e um de nós trata de recolher o correio. Parece-nos adequada esta repartição de tarefas em vez de centrar todas num só habitante da casa.

4ª Fase: “Ideação” (parte 2) - Da ideia à forma

Nesta fase, começam-se a testar as primeiras ideias. Os projetos começam a ganhar forma, constroem-se os primeiros modelos para realização de alguns ensaios, de forma a validar certas soluções.

Exponho de seguida apenas o desenvolvimento dos projetos que figuram o ponto seguinte (2.4- apresentação e discussão de resultados)

Um dos pontos detetados aquando da fase de pesquisa foi a falta de certos hábitos como a jardinagem ou cultivo.

Como dito no ponto 2.1 (contexto socioeconómico), sente-se atualmente um aumento do interesse no ato de cultivar hortas, seja no campo ou na cidade, como uma forma de pouparmos, de sermos mais sustentáveis. Uma experiência associada a um certo bem-estar, a um prazer que se retira em tomar conta e acompanhar o crescimento de certa planta que no final nos premeia com os seus “frutos”.

Ciente do retorno que esta prática pode representar, começo então a explorar soluções que potenciem e aproximem o estudante à experiência do cultivo.

A primeira ideia a ser desenvolvida é o projeto “Sr.Fraso”. Onde se pretendia explorar a dimensão da partilha entre comunidade.

Detetou-se na fase de pesquisa e registo que por vezes se gera uma relação de alguma confiança com certos vizinhos, ocorrendo esporadicamente uma troca de bens- principalmente nos produtos hortícolas que são sazonais.

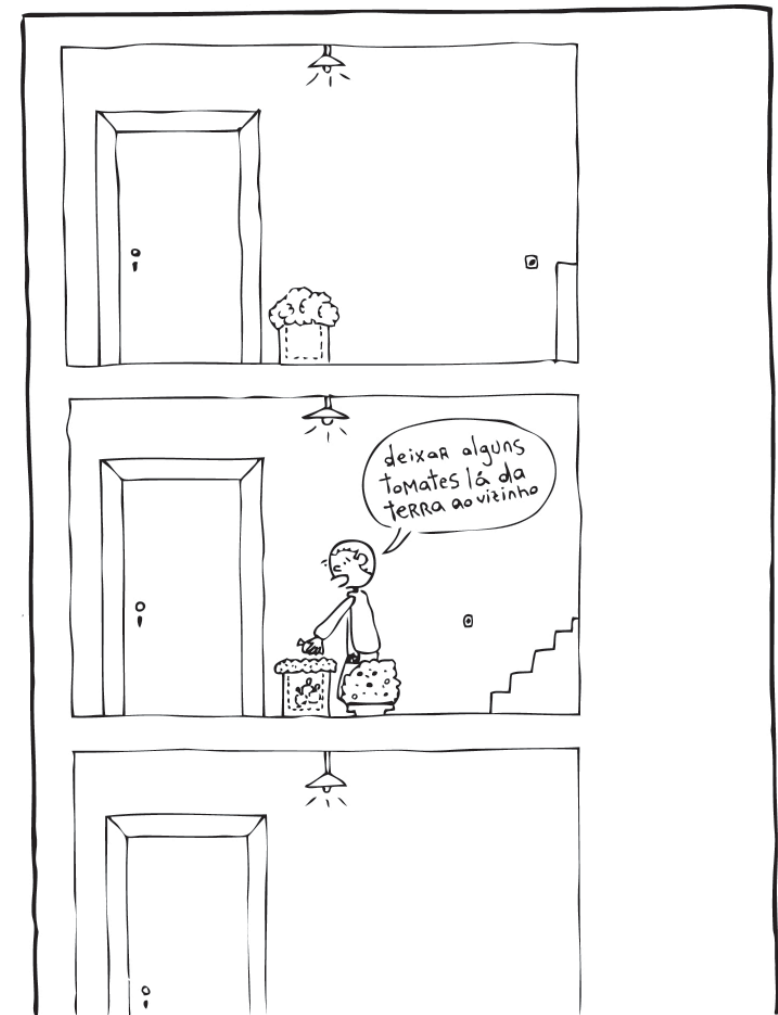
Ora se temos a sorte de ter um familiar que nos traz quilos de laranjas certo dia, porque não partilhar estas com determinado vizinho (para além dos moradores com quem partilhamos casa) de forma a impedir que estas se estraguem?

Conseguindo escoar este excesso de produção, criamos menos desperdício, e desenvolvemos a relação com os nossos vizinhos, fomentando o espírito de comunidade e entre-ajuda deste grupo de pessoas que coabita no mesmo prédio.

Pretendia então criar uma solução para que esta partilha saudável aconteça mais facilmente e mais vezes, com menos constrangimentos associados como a vergonha em bater à porta, o “não dá jeito agora”, ou simplesmente não estar ninguém em casa na altura certa.

É desenhado então um vaso para uso comunitário, inspirado na antiga técnica “zeer”, que “esconde” um compartimento para a conservação de vários produtos alimentares.

Um objeto que deve ser adaptável, tanto a um contexto doméstico como ao vão das escadas de um prédio.



São criados vários modelos: em barro vermelho, faiança, e grês, vidrados ou chaco-tados, e ainda em plástico- De forma a entender quais os materiais mais eficazes para a função de conservação.

Devido à sua porosidade e capacidade de absorção, foi decidido nesta fase de testes, optar pela cerâmica. Para uma melhor compreensão deste material, e para a conceção de um primeiro modelo, procurei o apoio de ceramistas locais. Devido à sua dimensão, fugia à minha capacidade técnica executar este vaso “comunitário” com rigor na roda de oleiro.

O desenho pensado para a peça em cerâmica mostrou-se de árdua conceção. O facto de ser uma peça única, ou seja, de não haver uma separação dos dois corpos que a compõem, torna esta difícil de executar e de cozer em forno de cerâmica devido às suas dimensões “generosas”. Este primeiro protótipo rachou na altura da cozedura, e encontro-me agora a desenvolver uma nova peça para ser testada.



26. Versão comunitária do “Sr.Fraso” a ser executado no atelier da “Bolota”.

O primeiro modelo foi trazido para o interior de minha casa, onde foi usado e testado. Foram então tomadas novas decisões quanto ao seu material, peso, espessura de parede, manutenção, dimensões, desenho da tampa, como lidar com o excesso de água, quais as melhores plantas a colocar, como comunicar com o vizinho a chegada de um novo “presente”, etc. Pormenores que contribuíram para o aperfeiçoamento do novo desenho deste

objeto, que foi agora executado em grês (imagem 26), por ser um material mais poroso que o barro vermelho, absorve melhor a água. Não é uma peça única (revelou-se menos prático, e muito pesado), e só o interior do contentor será vidrado (de forma a conservar em melhores condições os produtos colocados).

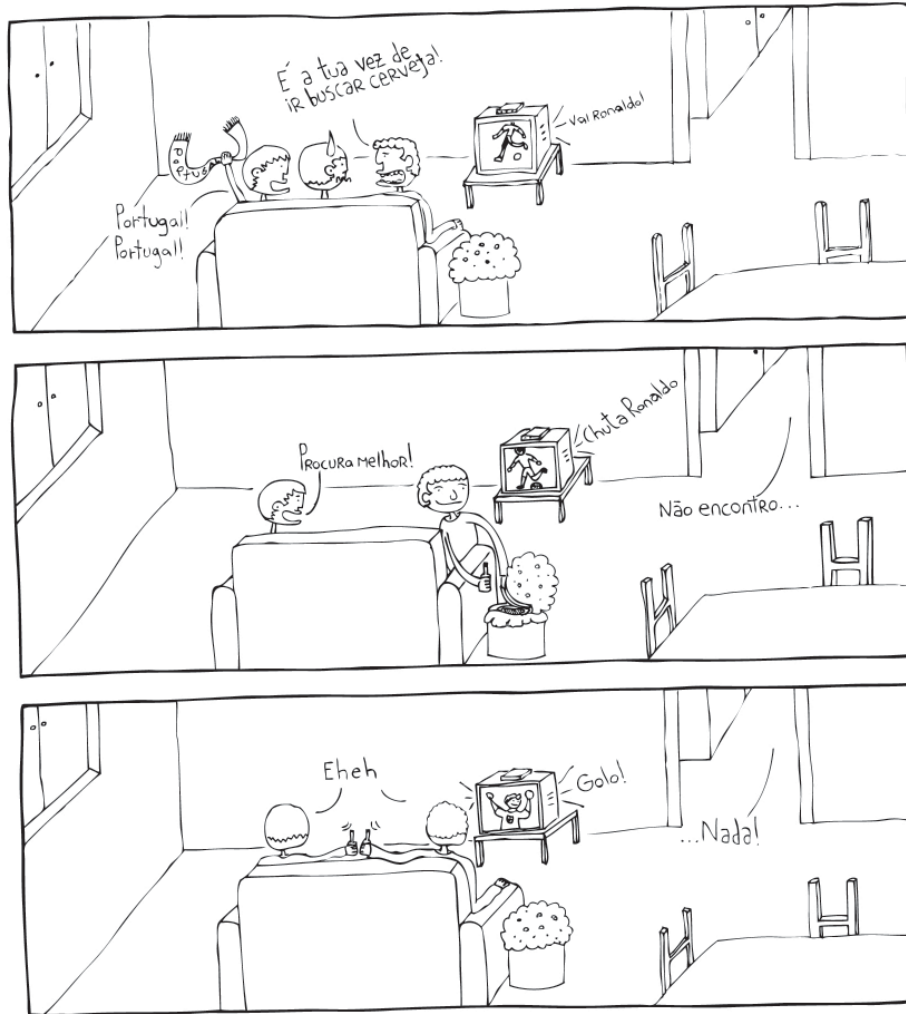
Concluo ainda, a necessidade de criar uma versão para o uso “comunitário” e outra para uso individual. Embora quebre o propósito da partilha, penso fazer sentido existir este objeto pensado para estar no nosso quarto, que dispõe de espaço suficiente para o armazenamento de certos bens alimentares “valiosos” para o estudante. Um “segredo” mantido e cuidado pelo utilizador, de forma a que este encare o vaso e sua respetiva planta quase como uma companhia, como um objeto de “estimação”.

Devido às dimensões mais reduzidas deste “Sr.Fraso”, foi decidido criar o molde em gesso do vaso, do seu respetivo contentor interior e tampa, visto que assim é mais simples de reproduzir as peças.

Produziu-se uma versão em faiança e outra em barbotina vermelha. Pretende-se que esta versão seja personalizável (pelo utilizador) através do uso do desenho. Para tal, a face exterior do vaso é vidrada (o que permite o desenho a caneta de álcool ou acrílica, e que este seja apagado quando o utilizador assim o desejar).



27. Versão individual, por vidrar.



Através do projeto “Sr.Fraso” aumentou o meu interesse em desenvolver produtos ligados à experiência do cultivo. Interessava-me conhecer mais modelos de hortas, novas técnicas de jardinagem e cultivo, de soluções económicas para conseguirmos criar uma horta. Entender de que forma podia eu criar uma horta que roubasse o menor espaço possível à casa e que se adaptasse aos mais diferentes ambientes. Uma horta feita de raiz a pensar no contexto das casas partilhadas por estudantes, que mudam constantemente de casa, e se retiram das suas casas alugadas durante largos períodos de tempo (férias).

Sondei então um amigo jardineiro de profissão. Este falou-me de uma “gambiarra” que tinha conhecido aquando de uma visita ao Reino Unido: uma modesta horta de exterior, feita a partir da reutilização de tubos de canalização (em plástico PVC). Ao pesquisar por este tipo de horta, percebi que esta solução improvisada já era bastante conhecida, e que eram vários os modelos existentes (dependendo da criatividade e necessidade do utilizador).



28. Um dos modelos detetados na fase de pesquisa.

Decido também eu explorar este tipo de solução, e criar uma horta em tubo PVC (de seu nome “CVP”) que respondesse às necessidades específicas do estudante: De baixo custo, fácil execução e manutenção, e que facilmente se desloque de uma casa para outra (compatível com o estilo de vida nómada típico do estudante que partilha casa). Encontrado o tubo (com 9 euros comprou-se o suficiente para a construção de 4 hortas), corto este com uma altura de 70cm. A seguir faço dois rasgos no seu corpo, a zona acima dos rasgos é aquecida a pistola de ar quente e depois empurrada, criando assim dois compartimentos para a colocação de plantas ou ervas. Foram criados alguns protótipos, aprimorados certos pormenores, retiradas algumas dúvidas (como trocar a terra, como prender este à parede, como transportá-lo, onde deve ser colocado, como deve ser o desenho do reservatório da água,

como identificar as plantas, quantos reservatórios deve ter, cores, dimensões, etc.) de forma a que o desenho deste modelo “cvp” respondesse às problemáticas e necessidades, ao contexto doméstico, do estudante que partilha casa.



29. Testes de cor e formatos, para o projeto “Cvp” e “Sr.Fraso”

Foi-me possível colocar o 1º modelo à disposição dos meus companheiros de casa, na nossa sala/cozinha, e graças à interação destes com o meu projeto posso concluir que este foi bem recebido, fez-se notar que as pessoas cá de casa deram importância aos 3 vasos de tomilho (em dois deles) e manjeriço. Devido ao facto destes se encontrarem ali “a jeito” ao lado do fogão, facilmente tiramos de um dos vasos um ramo do tomilho para pôr no tempero de tudo e mais alguma coisa. Notou-se ainda uma preocupação das pessoas em prevenir que as plantas ficassem sem água, e até hoje os tomilhos resistem. Já o manjeriço sofreu um ataque de uma qualquer praga e não “aguentou”, mas as suas folhas também chegaram a ser usadas, principalmente no tempero da carne.

No ano letivo 2011/2012, tive a oportunidade de desenvolver, à disciplina de Seminário Transdisciplinar, o exercício “Instruções para uma acção”. O objetivo deste era: *“a criação, ou alteração, de um objecto, dispositivo ou serviço. Contudo, em lugar de proporcionar uma concretização formal, a resposta a este exercício deve ser pensada como um conjunto de instruções para o pôr em prática”*¹

¹ Duarte, Frederico (2012), *Exercício: Instruções para uma acção* (enunciado), seminário transdisciplinar, MDP, ESAD.CR



30. Protótipo “Cvp”

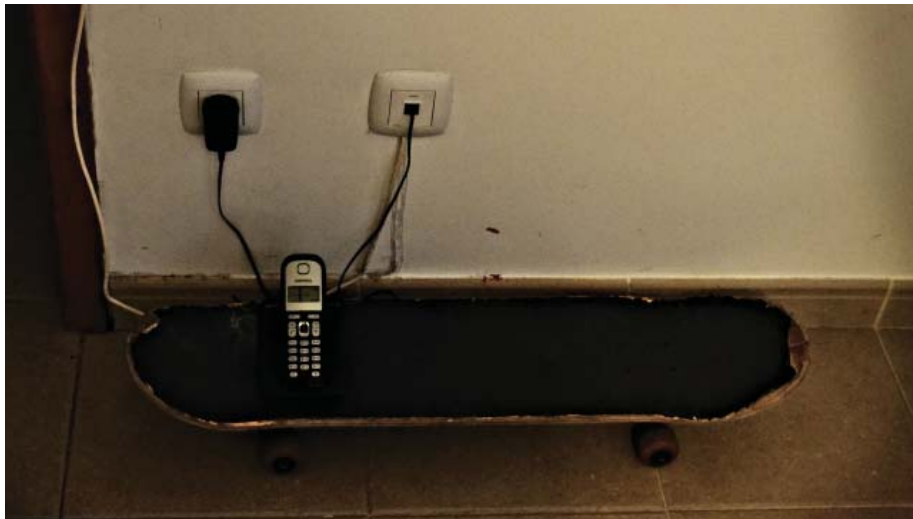
Interessa-me que o projeto “cvp” siga as diretrizes deste exercício: Definir o público-alvo, definir materiais e tecnologias a utilizar... Para que finalmente possa ser desenhado um conjunto detalhado de ilustrações que instruem o utilizador a realizar esta gambiarra- a horta “cvp” (uma horta vertical económica, transportável, de fácil execução e manutenção, ideal para o estudante migrante).

Este conjunto de instruções será disponibilizado na web através da página “as dicas do jorge” (outro dos projetos deste trabalho) interligando assim os dois projetos. Tornando este um projeto de comunicação, que explora a dimensão do “faça-você-mesmo”, de objetos de livre produção.

Será ainda criada uma versão comercial da horta “cvp”, na qual se pretende aprimorar todos os pormenores da versão de livre produção, para que finalmente esta solução possa saltar da categoria de “gambiarra” para a categoria de “produto”.

Nas minhas visitas, detetei também que muitas vezes à entrada das casas é o sítio onde se encontra o telefone e o modem- router (aparelho que fornece o sinal de internet à casa). Para além disso, é por ali que fica todo o correio, que na sua maioria são contas e faturas da casa. Sendo ainda o sítio preferido para colocar outros objetos como as chaves de casa, óculos de sol, entre outros.

Não existindo muitas vezes uma solução prática que consiga acumular os variados objetos que ali se encontram, foram identificadas diversas soluções para responder a esta problemática- Desde mesas de cabeceiras a skates.



31. Skate a fazer de móvel de apoio para telefone, chaves, etc.

A partir desta oportunidade identificada, comecei a desenhar várias soluções que pensassem nesta relação dos objetos com o ato de entrar e sair de casa.

E devido ao facto de muitas vezes a entrada ser o local onde encontramos o modem-router da casa, surgiu a ideia de criar uma prateleira que para além de servir de suporte para os objetos que circulam à entrada/saída de casa, funcionasse também como um “direcionador” e potenciador de sinal “wireless” de internet. Aproveitando melhor o sinal da Internet, podemos partilhar esta com os nossos vizinhos e reduzir o valor da despesa associado ao serviço.

Lembrei-me então de umas antenas feitas com latas de alumínio, uma “gambiarra” já conhecida minha que se usava mais há uns anos atrás quando a velocidade



da internet era mais baixa, de forma a direcionar melhor o sinal para os computadores (ver anexos- CD).

Esta prateleira ganha assim a forma de uma antena, e graças à adição de uma placa de alumínio (e à sua capacidade refletora) consegue direcionar melhor o sinal “wireless” para cima ou para baixo, conforme queiramos partilhar a internet com os vizinhos de cima ou de baixo.

É construído um modelo com chapa de alumínio (de 2mm de espessura), e outro em madeira de choupo (uma madeira pouco densa- que oferece menos resistência à passagem do sinal wireless) e chapa de alumínio de 1,5 mm de espessura.

Foram conduzidos testes na minha casa de forma a entender se o sinal de internet melhorava com a colocação da prateleira. Procurei o apoio dos serviços informáticos da ESAD.CR para entender como poderia eu fazer uma avaliação mais rigorosa deste sinal.

Para tal sugeriram-me o programa “inSSIDer”¹ que me ajudou a fazer alguns testes à força do sinal “wireless” cá de casa (ver em anexo no CD).

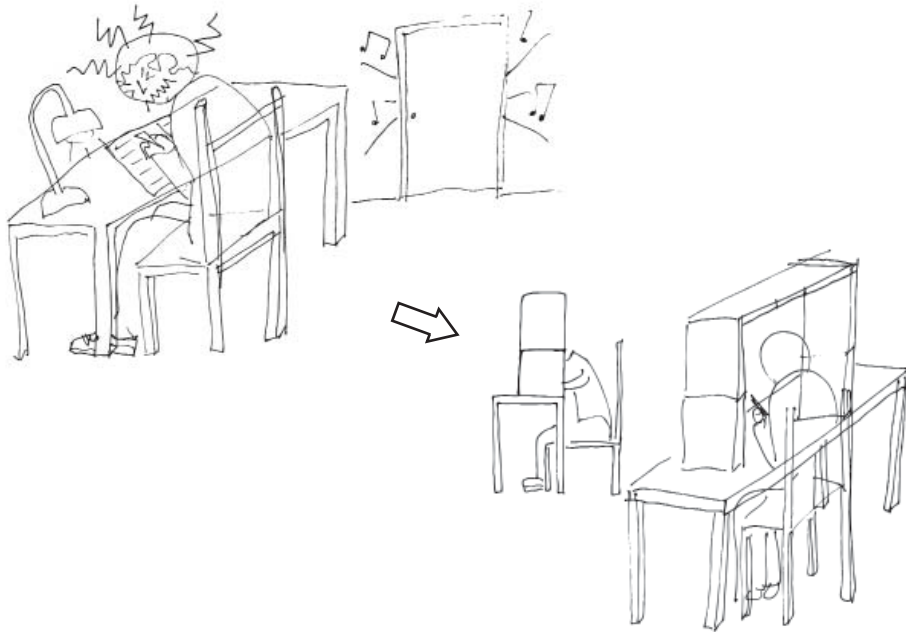
Os testes com este primeiro modelo possibilitaram ainda uma melhor compreensão da forma final que este deve ter para que haja também uma partilha com os vizinhos do lado, e não só com os de cima ou de baixo.

¹ Programa de computador, versão 2.1.6, © Metageek, LLC.

Embora as melhorias registadas na rede “wireless” cá de casa não tenham atingido os valores desejados (não deixando de se registar uma subida), penso que este projeto ganha forças pelo facto de ser uma solução que otimiza os recursos existentes através da partilha, um objeto que induz a uma cultura de poupança (maior aproveitamento, menor desperdício) através da partilha de serviços e bens comuns entre comunidade (seja no interior de nossas casas, prédio, ou bairro).

O seguinte projeto a ser desenvolvido tem o nome de “solitude”.

À semelhança do conceito de outros projetos como a cadeira “pod”, o projeto “mitesco”, ou ainda o projeto “stretch out”, pretendo criar uma solução elementar que nos ajude a chegarmos ao nosso momento de “solitude”, de privacidade ou de concentração.



Todos precisamos de um espaço onde descansar ao fim de um dia de trabalho, espaço esse que normalmente é o nosso quarto. Mas muitas vezes, no dia-a-dia da casa partilhada, torna-se difícil conseguir esse momento tão importante para o bem-estar de um qualquer estudante devido a certos constrangimentos com impacto na sua vivência (como as pessoas na sala a falar, a música alta no quarto ao lado, portas a bater, etc.)

Decide-se construir uma solução que tenha como principal preocupação o isolamento sonoro e visual, um abrigo que montamos no nosso espaço de descanso ou de trabalho que nos facilita o acesso a este momento de solitude.

Foram construídos vários modelos: O primeiro consistia num módulo (em forma de pórtico) em cartão, madeira e lã de rocha. Este foi testado a nível de isolamento de som- um dos principais pontos que acaba por nos distrair, e a nível de funcionalidade (poderá ser colocado por cima do tampo da nossa secretária? ou da nossa cama?).

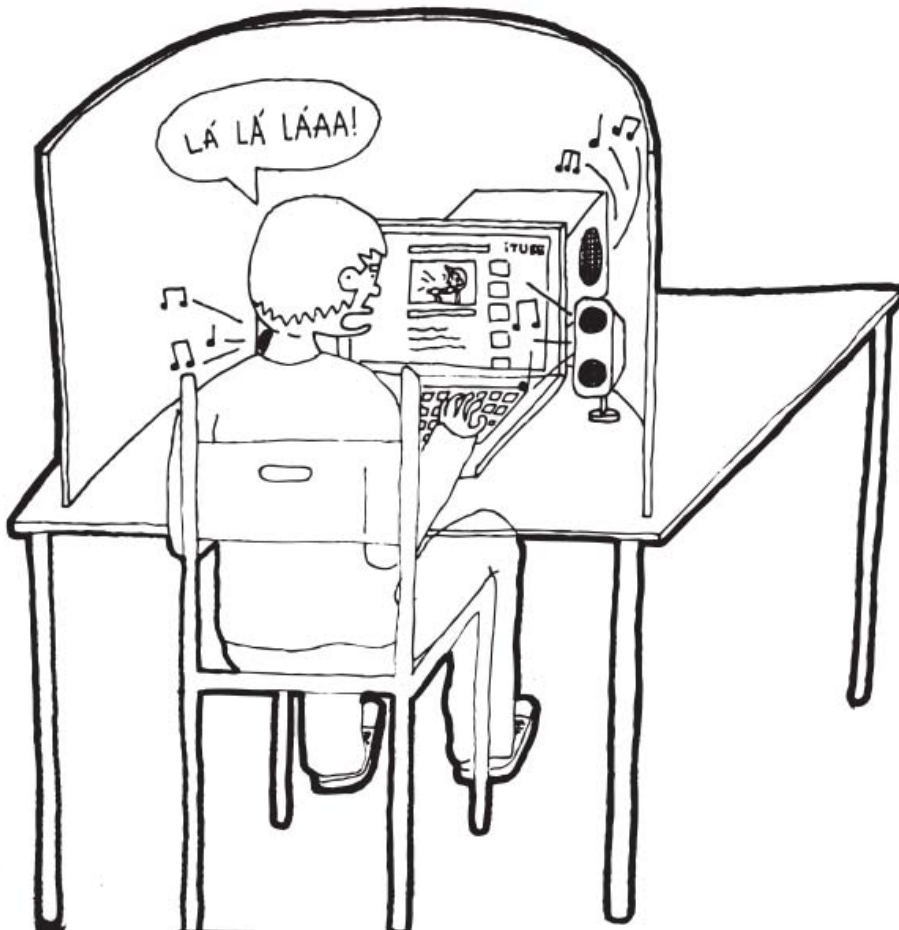


32. Protótipo “Solitude”

Foi ainda desenvolvido um protótipo insuflável deste projeto, de forma a oferecer um maior isolamento e transportabilidade, mas o orçamento por parte de uma fábrica de insufláveis personalizados inviabilizou a produção deste, devido ao preço elevado que teria o produto final.

A seguir, visitei uma casa de venda de produtos ligados à indústria do som, entendendo que o que eu procuro para o meu objeto é que este distribua o som exterior (ruído) por diferentes camadas, fazendo com que menos deste (ruído) chegue aos ouvidos do utilizador.

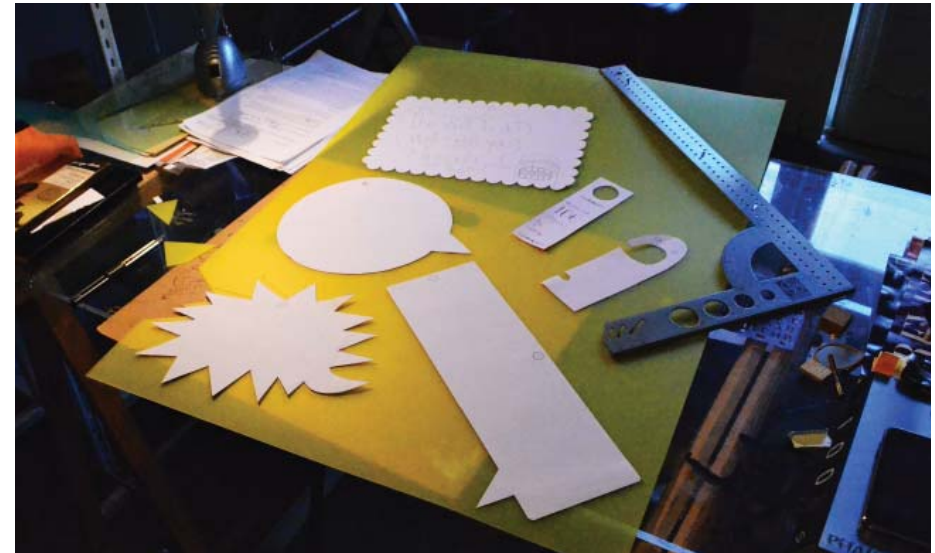
Está por isso a ser desenvolvido um novo modelo deste projeto que consiste num plano (de forma ajustável) em folha de polipropileno e esponja perfilada (usada no isolamento sonoro de estúdios de som), de forma a obter um objeto final mais leve, com uma melhor prestação a nível de isolamento do som, de fácil arrumação e transportabilidade.



Aliado ao objetivo previamente definido que pretendia potenciar a comunicação entre residentes, nasce o projeto “**Home Communication Boards**”.

Pequenos painéis que se encontram espalhados por diferentes divisões da casa, que pretendem suportar com vários tipos de mensagens dos seus vários utilizadores.

Começo por criar uma série de painéis impressos em papel que permitiram realizar alguns testes junto dos moradores da minha habitação, de forma a entender qual o tipo de mensagem que o estudante normalmente tem mais necessidade de transmitir: contas, dívidas, recados, rendas, lista de compras e de tarefas, etc.



33. Modelos para o projeto “HCB”

Após a exploração de várias soluções formais, decidiram-se 3 modelos para os painéis de comunicação: balão de banda desenhada; moldura; e marcador de porta.

De seguida foi desenvolvida uma nova versão em folha de polipropileno, visto que desta forma podemos apagar facilmente a mensagem que escrevemos e escrever uma nova, as vezes que quisermos. Estas devem ser escritas a caneta de álcool para ser mais fácil a remoção de mensagens antigas.

Graças a este material conseguimos assegurar um produto resistente, duradouro e económico.

Novos protótipos foram colocados pela casa, e foi interessante ver como estes foram absorvidos pelas necessidades específicas desta casa, comunicando mensagens relativas a loiça suja, pagamento de rendas, a um organigrama que determina de quem é a vez de comprar papel higiénico.

Tive ainda a oportunidade de desenvolver na CENCAL - Centro de Formação Profissional para a Indústria Cerâmica- um azulejo tradicional personalizável, onde são os residentes que escolhem a mensagem a figurar neste. Os modelos aqui apresentados (figura XX) foram feitos através da utilização da antiga técnica de azulejaria conhecida por “corda seca” (uma mistura de óleo de linhaça com óxido ou manganês, que graças à gordura presente no óleo delimita os traços do desenho-repele o vidro que é depois aplicado).



34. Alguns dos azulejos, incluindo o personalizável (à direita)

Ao longo do historial de cada cidade que possui comunidades académicas, e consequentemente inúmeras casas partilhadas por estudantes e/ou trabalhadores, são inúmeras as soluções que certa pessoa se lembra de criar a certa altura no seio do seu lar. É importante o registo destas ações, objetos improvisados, ideias... Visto que esta informação pode vir a ser útil às futuras gerações de estudantes.

Atualmente as comunidades académicas vão-se renovando de 3 em 3 anos e é tudo tão rápido, que esta passagem de testemunho, esta troca de informação, torna-se ainda mais importante de acontecer porque pode criar condições para que novas gerações consigam poupar tempo e dinheiro das mais diversas maneiras.

Decido então começar a fazer este registo, visto que graças a ter este tipo de habitação como foco deste trabalho, são várias as soluções encontradas na fase de pesquisa do projeto, que ganham sentido neste tipo de lar.

Nasce então o projeto com o nome de “**As dicas do Jorge**”, um “espaço virtual” onde são reunidas imagens e informação útil para aqueles que partilham casa.

Desde maneiras de reduzir despesas e consumo de recursos, a objetos “faça-voçê-mesmo”, a outros resultados relacionados com este tipo de habitação.

Este projeto inicialmente era um apanhado de pequenas fichas/ documentos (ver anexos- CD), onde eram registadas ações que contribuíssem para a resolução de certos problemas. Mas devido à quantidade de material, foi decidido que o formato ideal para este projeto seria o de uma página de *facebook*®, visto que que facilita a partilha para e por outras comunidades estudantis.

Foi criada ainda uma banda desenhada virtual (ver anexos- CD) para explicar melhor em que consiste esta página de *facebook*®.

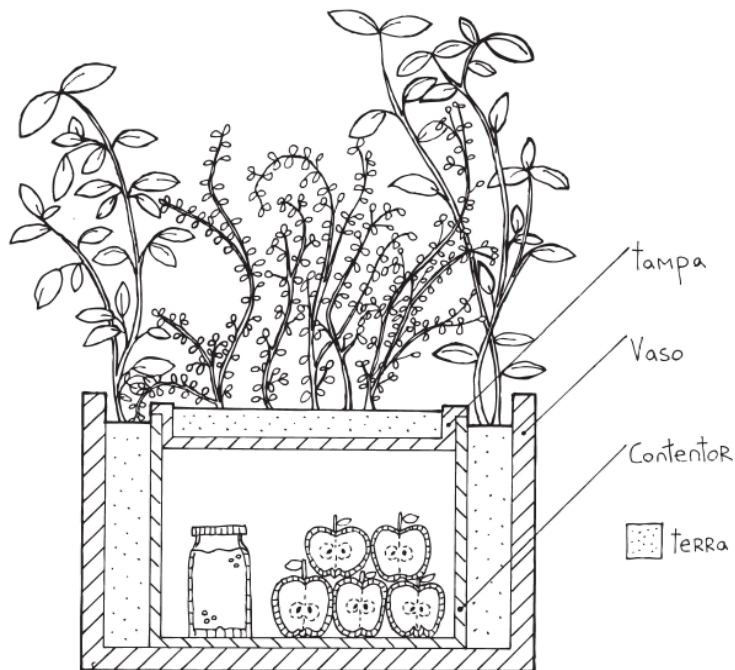


35. Imagem pertencente à banda desenhada explicativa (ver anexos- fotografias- “as dicas do jorge”).

2.4. Apresentação de resultados

1. “Sr.Fraso”

“Sr.Fraso” é um vaso com uma função muito especial escondida no seu interior. Possui um segredo: um compartimento que possibilita o armazenamento e conservação de produtos alimentares, assim como outros tipo de bens. Este objeto, em grês, divide-se em três peças: Vaso, contentor e respetiva tampa .



O vaso cilíndrico tem de suas dimensões 40 centímetros (cm) de diâmetro, 25cm de altura, e uma espessura de parede de 2cm.

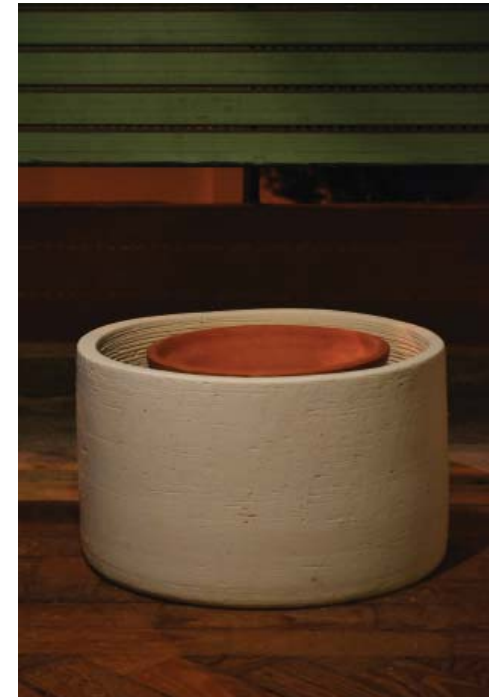
O contentor, a ser colocado no interior do nosso vaso, também possui uma forma cilíndrica, e tem por sua vez 28cm de diâmetro, 21cm de altura e uma espessura de 1cm. É vidrado por dentro e em chacota por fora, de forma a que absorva a água com que regamos as plantas, mantendo uma temperatura amena no seu interior (ajudando assim a conservar os alimentos colocados neste).

A tampa, a ser colocada no topo do contentor (de forma a “esconder” o compar-

timento) tem 26cm de diâmetro e 3cm de altura, com um anel de 28cm de diâmetro e 1 cm de altura.

As plantas ou ervas a ser plantadas, devem ser colocadas na tampa e na área entre o vaso e o contentor, conseguindo desta forma “camuflar” o compartimento interior do contentor, umas das prioridades deste projeto.

“Sr.Fraso” tem dois objetivos: Fomentar a cultura junto da comunidade académica, assim como o sentido de partilha entre residentes.



36. Modelo final da versão comunitária

Quanto ao seu primeiro objetivo, este projeto é pensado para o cultivo de plantas aromáticas (como o tomilho, menta, ou hortelã) visto que são espécies que enraízam mais facilmente em pequenas áreas, podem ser utilizadas na alimentação ou simplesmente para aromar o espaço, não precisam de muita luz (o que permite uma adaptação a diferentes cenários) e devido à sua forma ajudam a manter o compartimento camuflado.

A sua função “subliminar” é estimular atos de partilha entre residentes da mesma casa ou prédio.

Na fase de pesquisa deste projeto foi detetada a existência da troca de certos bens alimentares entre vizinhos e residentes. Um espírito de partilha que a meu ver deve ser fomentado, daí a criação deste compartimento no interior deste vaso comunitário. Um segredo compartilhado pelos moradores, de forma a facilitar que exista uma troca saudável de bens (reduzindo os constrangimentos associados a este ato de partilha, e aumentando o tempo de conservação dos alimentos repartidos graças às capacidades de refrigeração deste compartimento).

Concluindo, “Sr.Fraso” é um projeto com duas vertentes: Envolve o utilizador à experiência do cultivo e ao bem-estar associado a este. E contribui para um maior sentido de comunidade, de união, e consequentemente para um consumo mais sustentável e responsável da habitação, apoiado nesta premissa que é a partilha.



37. Modelo Final da versão individual, em contexto de uso.



38. Versão individual, em faiança. Com tampa posta.



39. Versão individual, em faiança. Sem tampa

2. "cvp"

Consiste num projeto "faça-você-mesmo", que consiste na construção de uma solução elementar, prática, e económica, de termos a nossa horta no interior das nossas casas partilhadas, através de um conjunto de ilustrações instrutivas.

Esta horta vertical em tubo de plástico PVC (com 11cm de diâmetro exterior, espessura de 4mm, e uma altura de 70cm) possui 3 compartimentos onde podemos plantar os mais variados tipos de plantas ou ervas.



40. Modelo Final "Cvp"



41. "Cvp" em contexto de uso

A sua forma possibilita uma fácil manutenção: quando necessitamos de regar as plantas da nossa horta "cvp", basta verter água na planta que se encontra no topo, que rapidamente esta desce até aos outros compartimentos. Na sua base existe um reservatório destinado a armazenar o excesso de água, havendo assim um grande aproveitamento deste bem essencial.

Pensada para ser fixada à parede, de forma a roubar pouco espaço, pode ser colocada no exterior ou no interior das nossas casas - ficando a decisão ao critério do utilizador (do espaço onde se encontra, e do que decide plantar).

Mas "CVP" é um objeto pensado para estar perto do utilizador, do sítio onde normalmente confeccionamos a nossa refeição, de forma a potenciar o uso direto daquilo que cultivamos- do vaso para o prato.



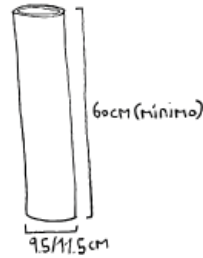
Conveniente, de baixo custo, fácil transporte... Sem grande valor estético ou conceptual, é uma solução simples que ganha força pelo seu lado prático, pela forma como se integra no espaço, no quotidiano do estudante.

O seu processo de fabrico será disponibilizado na *web* para que qualquer um possa fazer a sua horta vertical "cvp". Na sua génese, esta horta é uma "gambiarra", que muitos improvisavam para puderem ter algumas plantas em casa. Por isso é minha intenção também eu passar o "testemunho", passar a informação, as suas instruções de construção- de forma a tornar este objeto um projeto de fonte aberta.

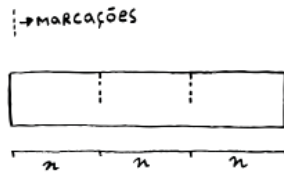
A primeira versão das ilustrações (que formam as instruções para a criação desta solução) é apresentada neste documento, na página seguinte.

Cria a tua Horta Vertical

#1 Compra 1 tubo pvc para canalizações.
Diâmetro: Entre 9.5/11.5 cm
Altura: Mínimo = 60cm



#2 A caneta (acetato ou álcool), marca 2 linhas no tubo até ao meio deste (vê desenho).
Dica: Usa fita-cola de papel como régua. Retira esta depois de fazeres as marcações.
As marcações (a traçado no desenho) devem preferencialmente dividir o tubo em 3 secções iguais.



#3 Com um serrote, corta o tubo pelas marcações.



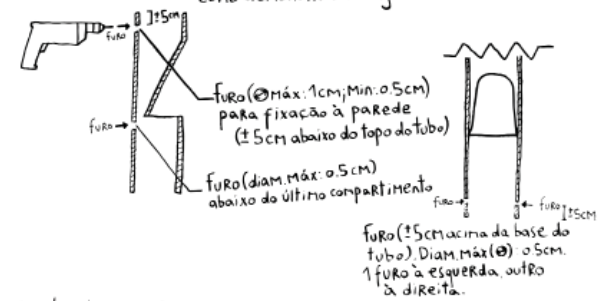
#4 Aquece a área acima dos cortes.
Usa uma pistola de ar quente, um secador de cabelo, etc.



#5 Pressiona a área aquecida.
Dica: Calça umas luvas



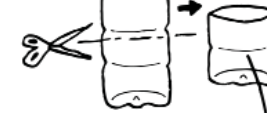
#6 Com um berbequim, faz 4 furos no tubo, como demonstra a imagem.



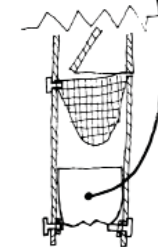
#7 Agora, necessitas de colocar um saco para funcionar como depósito para a terra do último reservatório.
Dica: Um saco em malha de aço é a solução mais resistente. Prende este com um parafuso, ao furo feito em baixo atrás. E com uma dobra à frente.



#8 Corta a base a uma garrafa de plástico (de 1,5l ou 2lts). Usa esta como reservatório de água para a tua horta.



Coloca esta no fundo do tubo pvc, e a seguir aperta 2 parafusos nos furos previamente feitos. Estes impedem que o reservatório de água caia.



3. Prantena

Aparentemente, este objeto é apenas uma prateleira à entrada das nossas casas que reúne toda uma parafernália de objetos do nosso quotidiano.

Mas este é um projeto que pretende potenciar a partilha de serviços entre moradores do mesmo prédio, reduzindo assim a despesa associada a este serviço essencial para o estudante: A Internet.

Graças às capacidades condutoras do alumínio, “Prantena” conduz o sinal “wireless” da internet na direção do nosso vizinho, aumentando a força deste, de forma a que o nosso vizinho consiga aceder à nossa ligação de internet a uma velocidade de navegação desejável.

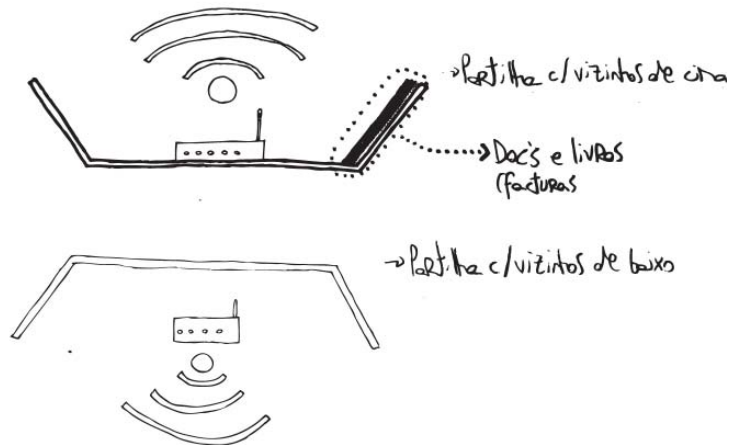
Feita em madeira de choupo (de 1cm de espessura) e chapa de alumínio (de 1,5mm de espessura), tem de suas dimensões 23cm de largura e 90cm de comprimento, sendo que as suas extremidades (25 cm de cada lado) formam um ângulo obtuso de 40 graus.

Desenhada para agregar os mais diversos objetos relacionados com o ato de entrar e sair de casa (chaves, cartas, etc), assim como aparelhos eletrônicos (como telemóveis, telefone, e o modem-router), este objeto pode ser colocado em duas posições diferentes (ver imagem em anexo), conforme queiramos partilhar com o vizinho de cima ou de baixo.

Uoho! Assim consigo partilhar
“net” com os vizinhos!



42. Modelo “Prantena”



“Prantena” é um objeto que se baseia numa antiga “gambiarra” para a conceção de um novo produto- um dos traços condutores deste corpo de trabalho. Como visto, o uso partilhado de objetos e serviços nos dias que correm é uma ideia que ganha cada vez mais força. Ora, “Prantena” só cumpre o seu objetivo caso exista esta relação de partilha entre vizinhos. Numa era de grande evolução tecnológica, onde a maioria das habitações possui acesso ilimitado à internet, onde existem cada vez mais formas de acedermos gratuitamente à internet, penso que caminhamos a passos largos para a democratização da internet... Já não faz sentido existirem múltiplas ligações por prédio em vez de uma só que contemple todo o edifício. Este objeto reivindica o direito ao acesso à internet a baixo custo, quebra barreiras impostas por outrem, unindo a comunidade para que haja um melhor aproveitamento dos serviços comuns e consequentemente uma maior economia de meios.

4. Solitude

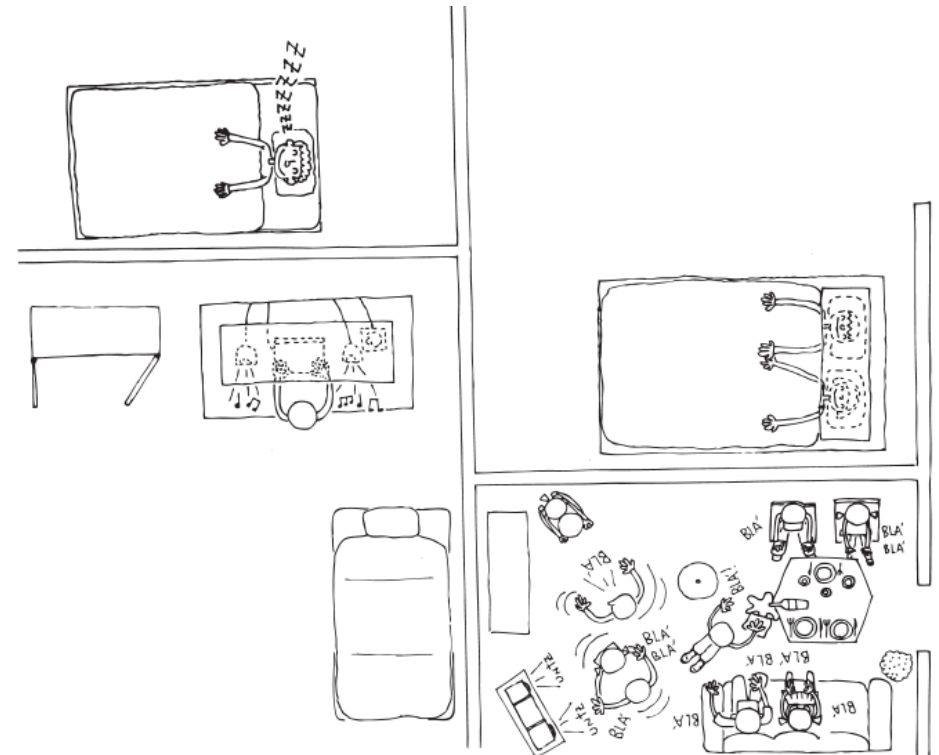
Ao longo das imensas aventuras do Super-Homem, este escapa para o seu esconderijo do mundo, uma espécie de quartel-general localizado algures no Ártico intitulado de “Fortress of Solitude”. É nesta fortaleza de gelo que Super-Homem se recolhe quando necessita de refletir, meditar, sem ser incomodado.

É esse o objetivo deste projeto: Um objeto que nos ajude a alcançar o nosso momento de solitude- de privacidade, de concentração ou de descanso.

Regra geral, todo o estudante tem o seu quarto, a sua “fortaleza”, para onde vai quando necessita de dormir, trabalhar, etc.

Mas muitas vezes, na vivência normal da casa de estudantes, torna-se difícil conseguir esse momento de grande importância para o seu bem-estar.

Quando chega a hora de dormir, ou de estar à secretária empenhado no trabalho, ficamos constrangidos pelo ruído criado no resto da casa.



Nasce então este projeto que pretende oferecer ao seu utilizador um acesso otimizado a estes momentos de “solitude”: Um plano de forma retangular (140cm de largura e 75cm de altura) em folha de polipropileno e esponja perfilada. A sua curvatura é ajustável para que se adapte ao espaço onde é colocado (cama, sofá, secretária, etc.), assim como para uma melhor prestação a nível do isolamento de som.

Graças à sua composição, torna-se um objeto leve, adaptável, fácil de utilizar, de transportar e de arrumar... Não remetendo a sua função principal que é o isolamento sonoro e visual (para que se atinja assim a concentração, o descanso, tão desejado).



43. Modelo Final “Solitude”

5. “Home Communication Boards (HCB)

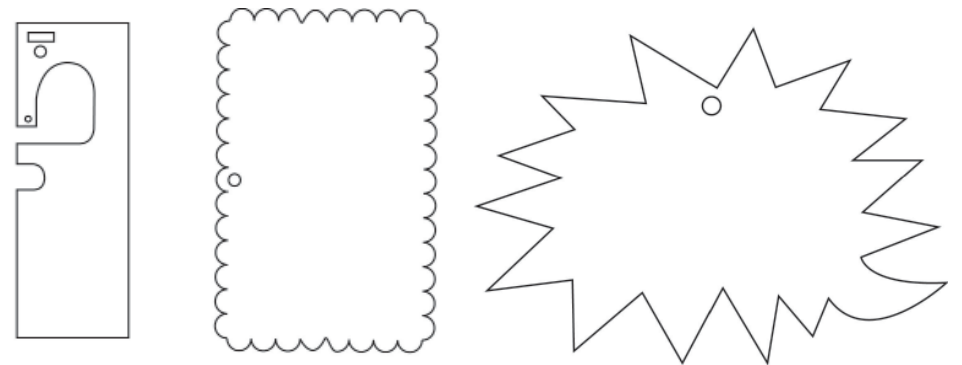
O projeto “HCB” não é mais que o suporte para a mensagem.

Explora o conceito que coloca o objeto como elemento potenciador de comunicação entre os residentes da casa. Objetos que lançam conversas, que preservam memórias, que criam momentos e atos de partilha.

Como dito no ponto 2.3, foram pensados 3 modelos para os painéis de comunicação: “Door tags” - pequenos painéis que são pendurados no lado de fora da porta, para quando não queremos que alguém entre no nosso quarto, para quando a casa de banho está ocupada, para quando estamos a trabalhar e precisamos de não ser perturbados, etc;

Molduras- a intenção destas é serem utilizadas como quadros que se encontram pelas paredes comuns da casa, com frases escritas pelos seus moradores (para aquelas citações que gostamos, para aquela frase que ficou célebre em certo jantar quando alguém já estava mais com os copos, o que quisermos);

E finalmente, balões (tipo banda desenhada) para aquelas mensagens que pretendemos passar aos restantes moradores, evitando assim uma constante repetição de certas coisas que facilmente nos esquecemos como “pagar a renda”, “deves-me 5 euros do Gás” ou “é a tua vez de comprar o papel higiénico “.



Estes serão feitos em folha de polipropileno colorida (o que permite uma constante renovação de mensagens, assim como assegurar uma certa durabilidade e resistência ao “painel comunicativo”), e as medidas variam conforme o modelo.

A venda deste produto está pensada como um pack que inclui 2 formatos diferentes de cada modelo.

Um projeto simples, mas com uma missão de grande importância: Fomentar a comunicação e consequente resolução de necessidades comuns entre moradores.

Existindo este suporte para o registo destas situações típicas do dia-a-dia, mais justa e organizada é a repartição de bens e despesas, maior é a partilha entre residentes, e mais a casa respira em espírito de comunidade.



44. Modelo Final “HCB” em contexto de uso

6. “As dicas do Jorge”

Nasce como resposta à necessidade de gestão e organização de conteúdos.

Ao longo da fase de pesquisa, foram registadas várias soluções já existentes que contribuem para a resolução de problemáticas existentes no seio de uma casa partilhada por estudantes: Desde receitas económicas, a soluções “desenrascadas” (gambiarrras), etc.

Decido então que deve existir um sítio online que deva ser dedicado à partilha de imagens e de projetos interessantes para todos aqueles que partilham casa.

Este dispositivo tem como objetivo potenciar a ligação e comunicação entre várias comunidades estudantis, ou até entre pessoas que simplesmente partilham



45. 1ª vinheta da banda desenhada explicativa do projeto (mais em facebook.com/dicasdojorge)

casa, de forma a que as novas gerações aprendam com as antigas como e onde é que se pode poupar e que tipo de soluções podemos nós próprios criar, assente numa mentalidade “faça- você -mesmo”, gerando assim a troca de informação e de “know-how” entre comunidades, na esperança de contribuir para a redução dos custos associados ao estudante que mora numa casa conjunta.



CONCLUSÕES

3.1 Conclusões finais

Este trabalho tinha como objetivo central uma compreensão mais profunda do espaço partilhado e das vivências dos utilizadores neste tipo de espaço.

Os resultados permitiram desenvolver um projeto fundamentado em informação proveniente não só da análise de projetos de referência, mas sobretudo de uma pesquisa fundada na observação de situações e contextos reais.

Foram também registados exemplos de soluções já existentes que contribuem para este modelo de consumo baseado na partilha, em diversas áreas, justificando assim esta transformação social que vivemos, esta exploração do sentido de comunidade e partilha como forma de nos apoiarmos uns aos outros. Também os objetos podem refletir esta dimensão, como este corpo de trabalho tenta explorar.

A solução conhecida como “gambiarra” também foi uma contribuição de grande importância para este projeto, acabando por influenciar este em algumas das propostas apresentadas.

Esta transição de “gambiarra” a produto, foi algo que me interessou explorar, este caminho em que a solução “improvisada” dá origem a novos desafios projetuais (revelam-nos preocupações, necessidades, ideias...) que podem levar à construção de novos objetos, ou de processos de fabrico a ser partilhados.

A minha experiência pessoal, e respetiva inserção neste contexto de habitação, permitiu a deteção de várias problemáticas, assim como testar em tempo real os meus projetos.

A partir dos dados resultantes desta pesquisa a casas partilhadas foi possível estruturar este projeto, mas definir hipóteses a explorar tornou-se numa tarefa de árdua execução porque devido à relação pessoal com o contexto da casa partilhada, estava constantemente a pensar em novas ideias para problemas que ia registando através da minha própria experiência, e do que ia observando de outras casas.

E mesmo querendo, foi difícil controlar esta fixação na observação e criação de soluções, e dar o salto para a fase seguinte de projeto- Definir objetivos, reduzir hipóteses, e selecionar os projetos a figurar nesta “casa longe de casa”.

De tão absorvido no meu tema de projeto, tornei-me vítima da minha própria análise. Pretendia que a minha própria casa fosse um exemplo de como deve ser uma casa partilhada, queria que esta refletisse o que de melhor eu vi em todas as casas que visitei. Um exemplo a nível de relacionamento entre moradores, de gestão e organização de espaço, arrumação, limpeza, etc. Mas, como é típico de uma casa de estudantes, problemas continuavam sistematicamente a surgir:

loíça suja, pulgas no cão, sala desarrumada, máquina avariada... O bem-estar do lar preocupava-me e incomodava-me, fazendo-me sentir quase como a “governanta” da casa, como o responsável por esta. Sistematicamente tentava resolver os problemas através de soluções improvisadas, de tabelas de repartição de tarefas, etc.

De forma inconsciente, tornei a minha habitação em um projeto.

Centrei a minha vivência nesta, ganhei um gosto por trabalhar a partir do meu próprio quarto e por desenvolver este projeto a partir de casa. Mas ao centrar o meu dia-a-dia nesta habitação, fui-me isolando cada vez mais neste espaço, principalmente no interior do meu quarto. O que acabou por funcionar como uma ferramenta bloqueadora para este projeto e para mim (tornando-me mais inseguro, sem capacidade de decisão, acabando por perder demasiado tempo concentrado naquilo que eu mais gostava de fazer que era desenhar e escrever), focando-me em demasia no desenvolvimento da parte teórica deste trabalho do que na parte prática.

Felizmente dando o salto para a conceção de modelos, consegui descentralizar-me do meu “espaço de conforto”, e comecei a desenvolver projetos na escola ou em oficinas (rentabilizando mais o meu tempo, ganhando um novo ímpeto ao ver os meus objetos ganharem forma) notando-se novamente progressos neste trabalho.

Ao longo de todo o processo de criação deste trabalho houve altos e baixos. Alturas de maior e menor empenho, motivação e trabalho. Também devido a todos os fatores exteriores que acabam por nos distrair do nosso objetivo final.

Mas há um que penso valer a pena referir: A produção de eventos sempre foi algo que me cativou. Ora por altura do Caldas Late Night (um evento cultural dedicado à mostra de trabalhos e projetos dos alunos da Esad.CR) foi decidido em conjunto com os restantes moradores abriremos a porta de nossa casa ao evento.

E durante dois dias, tivemos uma casa cheia de vida, cheia de visitantes, eram vários os elogios do público, levando a que até o jornal das Caldas nos considerasse uma referência do evento.

Incluo neste capítulo esta experiência porque este evento, esta festa, gerou um espírito cá em casa como nunca antes se tinha sentido: Sentíamo-nos uma família, todos ajudámos, todos contribuímos de diferentes maneiras, partilhávamos responsabilidades...Funcionar em comunidade acabou por nos aproximar (residentes),e foi o que fez tudo correr tão bem.

O que me faz concluir que devemos explorar o espaço “casa” como espaço para eventos sociais. Faz sentido existir este tipo de celebração no seio das casas partilhadas. Uma simples “jantarada” pode servir para unir, relacionar, os seus residentes. São estes momentos de partilha que contribuem para que se “quebre o gelo”, para que fiquemos a conhecer melhor as pessoas com quem dividimos

casa, e para que este grupo funcione mais em comunidade.

E embora não considere este evento um dos projetos pertencentes a este trabalho, sem dúvida que faz parte da história deste. Um capítulo de grande importância a nível pessoal, com o qual aprendi imenso.



46. Concerto no terraço, durante o CLN17.

Com o fim deste, volto à exploração de ideias através da construção de protótipos, começando então a entender o caminho que pretendia seguir, a reduzir hipóteses.

Devido a esta fixação à minha habitação, ao constante desenvolvimento de novas ideias, foi complicado selecionar quais as soluções que tinham mais potencial e que melhor representavam os objetivos deste projeto.

Como tal, foi decidido que “casa longe de casa” não seria formado por uma família de objetos, uma única linha de produtos. Devido à complexidade do tema tratado, com tantas direções possíveis para o desenvolvimento de novas ideias, foram selecionados 6 “sub” projetos e são estes que formam o corpo de trabalho deste projeto. São estes os resultados finais de uma intensa e absorvente investigação ao universo das casas partilhadas por estudantes.

Embora não formem um conjunto homogéneo de objetos (soluções diferentes para problemáticas diferentes), penso que esta foi a melhor maneira de estruturar o projeto e de responder aos objetivos que tinha previamente estabelecido.

Os produtos daqui resultantes, ainda que tenham sido desenhados para casas partilhadas, não são restritas a este espaço. Penso que podem-se adaptar a outros tipos de lares, o que a meu ver é uma vantagem porque significa um aumento na procura destes.

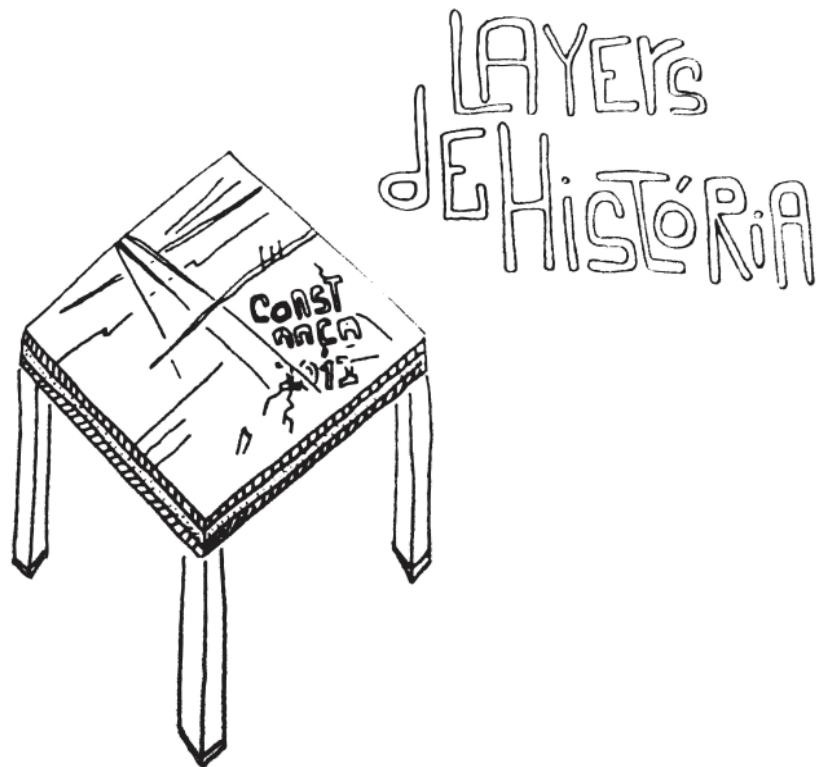
Certas necessidades são transversais a outros tipos de casas. O único impeditivo pode ser o espírito mais fechado de alguns, que se nem “bom dia” dizem aos seus vizinhos quanto mais partilhar um cesto de fruta ou internet, já o jovem estudante migrante é dotado de uma mente mais aberta à mudança e à criação de novos relacionamentos.

3.2 Futuros desenvolvimentos

Tendo atualmente o objetivo de desenvolver e aprimorar ao máximo os 6 produtos que constituem o corpo de trabalho deste projeto, certas questões e ideias ficaram por responder, projetos que ficaram pelo caminho ao longo do processo de trabalho.

Neste ultimo ponto apresento alguns dos assuntos que pretendo vir a desenvolver numa fase posterior:

Uma dimensão que gostaria de explorar no futuro tem a ver com aqueles objetos que nos contam histórias, que adquirem marcas do tempo que nos dizem algo acerca deste. E penso que numa casa de estudantes, onde as pessoas estão constantemente a mudar, poderia ser interessante criar objetos que potenciem a marca do tempo na sua estrutura/superfície. Marcas deixadas pelos vários ocupantes daquela casa, que a certa altura interagiram com aquele objeto e que de alguma forma conseguem deixar o seu cunho pessoal neste.



A recuperação de mobiliário em 2ª mão sempre foi algo que me interessou, e ao longo dos tempos fui sempre recolhendo várias peças do lixo, ou que alguém simplesmente já não queria. Penso que este tipo de solução “reciclada” adapta-se ao ambiente da casa partilhada por estudantes, por isso interessa-me desenvolver alguns exercícios de recuperação de mobiliário, que pretendem devolver a vida a velhas peças através do restauro, da adição de próteses, etc.



47. Cadeira antes de recuperada, já sem estofos



48. Cadeira depois de recuperada



49. Mini-bar antes de recuperado, já lixado



50. Mini-bar depois de recuperado

Outro problema detetado que acontece em qualquer casa de estudantes são as “jantaradas”- Quando um dos moradores da habitação decide fazer um jantar em que convidam amigos, a casa fica “virada do avesso”, sendo este responsável por arrumar toda a confusão criada pelos seus.

Este é um daqueles problemas que acontece tanto numa casa de estudante aqui em Portugal como noutra país qualquer, daí ser uma oportunidade de projeto que eu considero de grande interesse: Conseguir criar uma solução que facilite a transformação, a passagem, de um cenário incomodativo, sujo, cheio de lixo (como garrafas, restos de comida, etc.) para o ambiente normal/quotidiano daquela casa ou daquela divisão onde ocorreu a “jantarada” (assim como quando os estudantes se reúnem para trabalhos em grupo muitas vezes dá-se esta transformação para um cenário “confuso” que deve ser rapidamente arrumado de forma a não incomodar os restantes habitantes).

Por último, relativamente ao projeto “Home Communication Boards” (ver página 63), para além do azulejo personalizável tive ainda a oportunidade de desenvolver azulejos que remetem para a tradição dos ditados populares, dos “dizeres” de antigamente, pegando em frases que façam sentido no contexto da casa partilhada por estudantes. Penso que este azulejo decorativo, tanto a versão personalizável como a dos “dizeres”, tem potencial como produto a comercializar junto da comunidade estudantil.

Mas antes do desenvolvimento destas ideias, a prioridade está nos seis produtos que formam este corpo de trabalho. Por isso, pretendo agora desenvolver novos modelos finais de forma a conseguir otimizar o seu processo de fabrico, aprimorar certos pormenores, assim como o seu desenho final, o seu custo, *packaging* e comunicação, para que possam ser produzidos alguns exemplares, e testar junto do público a sua receptividade.

De modo a chegar ao estudante que partilha casa, os objetos estarão disponíveis através de uma plataforma “online”, que será apelidada com o nome deste projeto. Pretendo ainda realizar uma exposição com o mesmo nome, que mostrará não só os resultados finais- os objetos, mas também todo o processo de pesquisa e registo de imagens, processo de escrita, protótipos, assim como alguns dos projetos que não chegaram a figurar nesta “casa longe de casa”.



51. “Não há atalho sem trabalho”

• agradecimentos:

Ao meu co-orientador, por todo o apoio.

À Elsa, pelas fotografias.

Ao Hugo e à Bolota, pela ajuda com o “Sr.Fraso”.

À minha turma, pela motivação.

À minha família, pela paciência.

E a todos aqueles que de alguma forma ajudaram a construir esta “casa longe de casa”.

Bibliografia:

Benkler, Yochai (2005). *Sharing Nicely: On Shareable Goods and the Emergence of Sharing as a Modality of Economic Production- Essay for the Yale Law Journal*. Vol. 114, pp. 273-358. Yale Law Journal. Recuperado em 21 de Janeiro, de 2013, de <http://yalelawjournal.org/images/pdfs/407.pdf>

Maeda, John (2009). *Make, Believe*. Revista “Print”, vol.62, pp. 24.

Elkheir, Musa (2004). *Refrigeration, the african way*. © SciDev.Net. Recuperado em 11 de Maio, 2013, de <http://www.scidev.net/en/features/refrigeration-the-african-way.html>.

Pario Perra, Daniele (2010). *Low cost design*. Silvana Editoriale

Carlos Quinto, António (2006). *Conceitos de design de produto e gambiarra podem estar próximos em suas concepções*, Agência USP de Notícias, São Paulo. Recuperado em 11 de Maio, 2013, de <http://www.usp.br/agen/repgs/2006/pags/199.html>

Tavares, Paula (2009). *O desenho como ferramenta universal. O contributo do processo do desenho na metodologia projectual*. Revista Tékhne, n.12, pp. 7-24, recuperado em 19 de Fevereiro, 2013, de <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/tek/n12/n12a02.pdf>

Burdick, Anne (2003). *Design (as) research- Methods and perspectives*. Editado por Brenda Laurel © M.I.T. ,Pp.82.

Brown, Tim (2003). *Change by Design*. Publicado por Harper Collins. pp.15

Duarte, Frederico (2012), *Exercício: Instruções para uma ação* (enunciado), seminário transdisciplinar, Mestrado em Design do Produto, ESAD.CR.

If walls could talk: the history of the home, 2012 [Filme-vídeo]. Série documental produzida pelo canal BBC4. Fonte: <http://www.bbc.co.uk/programmes/b010fjp4>, consultado a 9 de Fevereiro, 2012.

Dannoritzer, Cosima (2011), *Comprar, Tirar, Comprar: La historia secreta de la Obsolescencia programada* [Filme-vídeo]. RTVE e Media 3.14, prod. ,Espanha. Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=q97DdVViqLg>, consultado a 20 de Fevereiro, 2012.

-Correia Pinto, Mariana (2012), *Cuida do teu bairro: Arquiteto quer Lisboaetas a cuidar da rua como cuidam de casa*, revista online “P3”. Fonte: <http://p3.publico.pt/actualidade/sociedade/3971/cuida-do-teu-bairro-arquiteto-quer-lisboetas-cuidar-da-rua-como-cuidam-d#UBgRZmbpHHo.facebook>, consultado a 21 de Novembro de 2012.

-Agência Lusa (2012). *Desemprego entre licenciados duplicou em quatro anos*, para a revista online “P3. Fonte: <http://p3.publico.pt/actualidade/economia/4589/desemprego-entre-licenciados-duplicou-em-quatro-anos>, consultado a 5 de Novembro, 2012.

-Autor Incógnito (2011). *Manifesto*. Fonte: <http://geracaoenrascada.wordpress.com/manifesto>, consultado a 12 de Abril, 2012.

-Montez, Rita (2012). *A moda de partilha de casa*, em “Visão Online”. Fonte: <http://visao.sapo.pt/a-moda-de-partilha-de-casa=f661603>, consultado a 7 de Junho de 2012.

-Tomás, Ana (2013). *Crise gera novo tipo de consumidor*, Jornal I online. Fonte: <http://www.ionline.pt/artigos/dinheiro/crise-gera-novo-tipo-consumidor-muda-habitos-restauracao-entre-os-sectores-mais>, consultado a 29 de Fevereiro, 2013.

-<http://oxforddictionaries.com/definition/english/squat>, consultado a 15 de Janeiro, 2013.

-<http://www.metageek.net/products/insider/>, consultado a 18 de Janeiro, 2013.

Índice de imagens:

- Imagem 1 (pág.19): Projeto “Cuida do teu bairro”, Pedro Pinto Correia.
Fonte: <http://p3.publico.pt/actualidade/sociedade/3971/cuida-do-teu-bairro-arquitecto-quer-lisboetas-cuidar-da-rua-como-cuidam-d#.UBgRZmhpHHo.facebook>
- Imagem 2, 3 (pág.20): NSFB, projeto pessoal
- imagem 4 (pág.21): Exposição “Reanim”, 5.5 designers.
Fonte: http://www.55designers.com/images/imag/FTP/2004_Reanim/reanim.pdf
- imagem 5 (pág.22): Cadeira “Pod”, Benjamin Hubert.
Fonte: <http://www.designboom.com/design/benjamin-hubert-pod-chair-for-de-vorm/>
- imagem 6 (pág.23): Projeto “stretch out”, hanemaai.
Fonte: www.hanemaai.com/stretchout
- imagem 7 (pág.23): Painel acústico “mitesco”, Michelle de Lucci.
Fonte: *Brochura “Mitesco acoustic panel”, em formato PDF.*
- imagem 8 (pág.24): Projeto “frigo”, Gonçalo Prudêncio
Fonte: <http://gpodonline.net/frigo/>
- imagem 9 (pág.25): “The crates”, Naihan Li.
Fonte: <http://www.dezeen.com/2011/10/12/the-crates-by-naihan-li/>
- imagem 10 (pág.26): “The crates”, Naihan Li.
Fonte: <http://www.dezeen.com/2011/10/12/the-crates-by-naihan-li/>
- Imagem 11 (pág.27): Livro “low cost design”, Danielle Pario Perra.
Fonte: <http://www.designvalesforum.org/public-files/media-manual/images/blog/LowCostDesign04.jpg>
- Imagem 12 (pág.27): Livro “low cost design”, Danielle Pario Perra.
Fonte: <http://www.artribune.com/dettaglio/?type=event&id=10615>
- Imagem 13 (pág.33): *A sala de estar da minha “casa longe de casa”*

- Imagem 14 (pág.35): *Parede num dos corredores do antigo quartel de bombeiros. Vauxhall, Londres.*
- Imagem 15 (pág.35): *Armazém pertencente ao antigo quartel de bombeiros*
- Imagem 16 (pág.36): *Quarto em Barcelona*
- Imagem 17 (pág.36): *Casa partilhada em Caldas da Rainha*
- Imagem 18 (pág.37): *Kitchenette em Berlim*
- Imagem 19 (pág.37): *Outro “squat” em Londres. Num antigo restaurante chinês*
- Imagem 20 (pág.45): *No terraço de minha casa (...)*
- Imagem 21 (pág.49): *Cozinha de uma casa partilhada nas Caldas da Rainha*
- Imagem 22 (pág. 50): *Quarto de uma estudante em Lisboa*
- Imagem 23 (pág.50): *O terraço da minha “casa longe de casa”*
- Imagem 24,25 (pág.51): *Quarto de um estudante em Caldas da Rainha*
- Imagem 26 (pág. 56): *Versão comunitária do “Sr.Fraso” a ser executado no atelier da “Bolota”.*
- Imagem 27 (pág.57): *Versão individual, por vidrar*
- Imagem 28 (pág.59): *Um dos modelos detetados na fase de pesquisa*
Fonte: <http://3.bp.blogspot.com/DSC04117.JPG>
- Imagem 29 (pág.60): *Testes de cor e formatos para o projeto “vp”*
- Imagem 30 (pág.61): *Protótipo “vp”*
- Imagem 31 (pág.62): *Skate a fazer de móvel de apoio para telefone, chaves, etc.*
- Imagem 32 (pág.65): *Protótipo “solitude”*

Imagem 33 (pág.67): *Modelos para o projeto “HCB”*

Imagem 34 (pág.68): *Alguns dos azulejos, incluindo o personalizável*

Imagem 35 (pág.69): *Imagem pertencente à banda desenhada explicativa*

Imagem 36 (pág.71): *Versão comunitária, modelo final*

Imagem 37 (pág.72): *Versão individual, contexto de uso.*

Imagem 38 (pág.73): *Versão individual, com tampa*

Imagem 39 (pág.73): *Versão individual, sem tampa.*

Imagem 40 (pág.74): *Modelo final “cvp”*

Imagem 41 (pág. 74): *“cvp” em contexto de uso*

Imagem 42 (pág.79): *Modelo final “prantena”*

Imagem 43 (pág.82): *Modelo final “solitude”*

Imagem 44(pág. 84): *Modelo final “HCB”*

Imagem 45 (pág.85): *1ª vinheta da banda desenhada explicativa do projeto*

Imagem 46 (pág.90): *Concerto no terraço, durante o CLN*

Imagem 47 (pág.93): *Cadeira antes de recuperada, sem estofó*

Imagem 48 (pág.93): *Cadeira depois de recuperada*

Imagem 49 (pág.93): *Mini-bar antes de recuperado, já lixado*

Imagem 50 (pág.93): *Mini-bar depois de recuperado*

Imagem 51 (pág.95): *Azulejo “não há atalho sem trabalho”*